

UNIVERSIDADE METODISTA DE SÃO PAULO

Faculdade de Teologia

**PEQUENOS GRUPOS WESLEYANOS E O MODELO
DE DONS E MINISTÉRIOS:
APROXIMAÇÕES E CONFLITOS ENTRE MODELOS
ECLESIOLÓGICOS**

ANDRÉ HENRIQUE FAGUNDES SCHIRMER

KÉSIA ESTÁCIO FARIAS LEMOS

SÉRGIO ROBERTO GOMES GONÇALVES



São Bernardo do Campo — novembro de 2010

ANDRÉ HENRIQUE FAGUNDES SCHIRMER
KÉSIA ESTÁCIO FARIAS LEMOS
SÉRGIO ROBERTO GOMES GONÇALVES

PEQUENOS GRUPOS WESLEYANOS E O
MODELO DE DONS E MINISTÉRIOS:
APROXIMAÇÕES E CONFLITOS ENTRE
MODELOS ECLESIOLÓGICOS

Trabalho de Conclusão de Curso
apresentado ao Colegiado de Curso, com
vistas à obtenção de grau — 4º. Ano,
Noturno, do Curso de Bacharel em
Teologia da Faculdade de Teologia da
Igreja Metodista, Universidade
Metodista de São Paulo, sob a orientação
do Prof. Dr. José Carlos de Souza.



São Bernardo do Campo — novembro de 2010

FOLHA DE APROVAÇÃO

A Banca Examinadora considera o trabalho:

E atribui o conceito: _____

Orientador/a: _____

Prof. Dr. José Carlos de Souza

Leitor/a: _____

Prof. Ms. Paulo Ayres Mattos

Professor de TCC: _____

Profa. Elizangela A. Soares

DEDICATÓRIA

Gostaríamos primeiramente de dedicar esse trabalho a todo(a)s o(a)s estudantes de teologia. Àquele(a)s que buscam o conhecimento de forma sistemática para seu crescimento pessoal e especialmente para o serviço cristão, como evangelistas, professore(a)s, diácono(a)s e pastore(a)s.

Desejamos também, de todo o coração, que nossos filhos e filhas sejam impactados pelo nosso esforço presente e transformados pelo exemplo de servos e testemunho de vida reta.

AGRADECIMENTOS

Ao nosso Deus, toda a gratidão. São tantas as bênçãos recebidas, tanto cuidado e tantas são as misericórdias que nada poderíamos fazer senão servi-lo com zelo e escrever aqui: obrigado Senhor!

Não podemos deixar de registrar nosso agradecimento aos familiares. Sabemos quão comum é mencionar a família nas dedicatórias iniciais de um livro ou trabalho acadêmico, mas agora, quando nos aproximamos da conclusão de quatro anos de estudos, seríamos injustos se não agradecêssemos aos entes queridos que nos apoiaram e que abriram mão de nossa presença em várias ocasiões, para que pudéssemos nos dedicar a essa obra.

Aos amigos do Pólo de Brasília, diretores, colaboradores e monitores que proporcionaram as condições adequadas para o aprendizado na modalidade de ensino a distância.

Finalmente, é digna de nota e louvor a qualidade de ensino e competência profissional de cada professor do Curso de Teologia da Universidade Metodista de São Paulo. Mestres, nosso sincero e eterno: muitíssimo obrigado!

“E não vos conformeis com este século, mas transformai-vos pela renovação da vossa mente, para que experimenteis qual seja a boa, agradável e perfeita vontade de Deus” – Rm 12.2

SCHIRMER, André; LEMOS, Késia; GONÇALVES, Sérgio. *Pequenos grupos wesleyanos e o modelo de dons e ministérios: aproximações e conflitos entre modelos eclesiológicos* (Bacharelado em Teologia - EAD) — Universidade Metodista de São Paulo, São Bernardo do Campo, 2010. 63 páginas.

RESUMO

Resumo: O objetivo do presente trabalho monográfico é avaliar a motivação de John Wesley e os primeiros metodistas na utilização dos pequenos grupos, tema tão em moda na evangelização e discipulado nas igrejas cristãs de hoje. Pretendemos analisar as características mais importantes de cada um desses grupos, sua organização e resultados práticos no caminhar do movimento metodista para, em seguida, verificar sua atualização no contexto de uma igreja baseada em dons e ministérios dos tempos presentes.

Palavras-chave: John Wesley – metodismo – pequenos grupos – sociedades – classes – *bands* – dons e ministérios – células – discipulado – eclesiologia.

SUMÁRIO

Introdução _____	9
Capítulo 1 A origem dos pequenos grupos wesleyanos _____	13
1 Um breve histórico _____	13
2.1 Regras gerais _____	21
2.2 O ministério leigo e a participação feminina _____	25
2.3 A estrutura conexional _____	27
2.4 As conferências _____	28
Capítulo 2 A Expansão do Movimento _____	32
2 O metodismo na América do Norte _____	36
3 O metodismo no Brasil _____	38
Capítulo 3 A abordagem de dons e ministérios _____	42
1 Os compromissos _____	42
2 Motivações _____	44
3 Estratégias e instrumentalização _____	46
4 O crescimento através do serviço _____	50
Capítulo 4 Os atuais grupos de discipulado na igreja evangélica brasileira e os desafios segundo a abordagem de dons e ministérios _____	53
1 Contexto atual e análise de experiências _____	53
2 O fortalecimento da unidade na diversidade de dons e ministérios _____	55
3 A utilização de estratégias diversas _____	58

Conclusão	60
Referências Bibliográficas	62

INTRODUÇÃO

O assunto Igreja desperta paixões. Desde a tentativa inicial de definir o que é a Igreja, passando pela discussão sobre sua origem, sua estrutura, natureza, propósitos, autoridade, para ficarmos apenas nessas questões, tudo é motivo de acaloradas discussões. A este respeito, José Carlos de Souza (2009, p. 12), cita o teólogo quacre D. Elton Trueblood, “O problema mais difícil do Cristianismo é o problema da Igreja. Nós não podemos viver com ela, e nós não podemos viver sem ela”.

Não há respostas prontas e definitivas sobre as muitas questões e polêmicas que o assunto Igreja provoca. Não é simplesmente uma questão científica ou racional, por isso todos defendem de forma apaixonada seus pontos de vistas e seus argumentos.

Depois de um largo tempo que consideramos de “estabilidade” denominacional, quando pensávamos que a tempestade da reforma protestante estava nos concedendo um período de calma religiosa, assistimos nos últimos anos a uma verdadeira explosão de novas denominações e organizações eclesiais, em movimentos rápidos e incontroláveis, ainda sem uma perspectiva clara de redução de forças.

Nesse contexto, escolhemos como tema para o trabalho de conclusão de curso da Faculdade de Teologia da Universidade Metodista o assunto eclesiologia, mais

especificamente o dos pequenos grupos da Igreja resultante do movimento metodista liderado por John Wesley.

John Wesley tem sido objeto de estudos e discussões sobre sua obra, teologia e eclesiologia e, dispomos cada vez mais de vasta literatura, textos e documentos sobre a história e o legado metodista para todo o cristianismo de nossos dias.

Diante de tantas questões e possibilidades, decidimos nos aprofundar numa das características mais marcantes do movimento metodista iniciado no século XVIII na Inglaterra, ou seja, a criação e desenvolvimento de grupos de acolhimento e discipulado cristão, espaço de responsabilidade mútua acessível ao povo, conhecidos como sociedades, classes e *bands* (pequenos grupos de apoio mútuo).

Observamos nos dias atuais um fortalecimento nas igrejas cristãs dos chamados pequenos grupos de evangelismo, oração, estudo e compartilhamento de experiências. Temos ouvido relatos de pastores confirmando o crescimento de membros em suas congregações oriundos desses grupos que, de modo geral, reúnem-se nos lares dessa comunidade. Em função deste crescimento, que é real, muitas igrejas consideradas tradicionais têm despertado para essa forma de ser igreja e procurado se organizar rapidamente para incluir em suas atividades as reuniões de pequenos grupos nas residências de alguns professores e líderes de ministério, ainda que sem uma estrutura e organização adequadas para tal fim.

Esta parece ser uma nova moda dentre as igrejas, ou melhor, não tão nova assim, mas uma redescoberta da importância e benefícios contidos nos grupos pequenos, sempre que o objetivo for simplesmente o crescimento, mas não necessariamente a renovação ou o avivamento espiritual.

E por que decidimos pesquisar e tratar desse tema específico no presente trabalho monográfico? Primeiramente porque o assunto é relevante nos dias de hoje e, mais importante ainda é que John Wesley há quase trezentos anos atrás já empregava tais estruturas organizacionais como forma de ser igreja e as utilizava de forma eficaz, com normas, regras de conduta e mensagem original que poderiam perfeitamente ser atualizadas, sobre santidade de coração e vida no mundo cotidiano.

Será que os metodistas de hoje se esqueceram de olhar com a atenção as boas práticas de John Wesley que deram tão certo no início do movimento e somente

nesses últimos tempos acordaram para essas ações ‘revolucionárias’ do fundador do metodismo?

José Carlos de Souza (2009, p. 63), referenciando a obra de David Lowes Watson, aponta que talvez esse seja o estudo mais inclusivo sobre as reuniões de classes metodistas escrito até hoje e representa um avanço significativo na reflexão sobre a eclesiologia wesleyana. O professor José Carlos de Souza prossegue citando os três primeiros capítulos da obra de Watson, que situam o significado das reuniões de classe na tradição mais ampla do cristianismo que remonta, em última instância, às igrejas domésticas do cristianismo primitivo. No capítulo quarto, o autor detalha o desenvolvimento das reuniões das classes e no capítulo final, com o sugestivo subtítulo “Discipulado corresponsável”, Watson avalia o significado eclesiológico das classes no metodismo primitivo, sua relevância no passado e investiga as causas de seu declínio. Ainda sobre esse assunto, o professor José Carlos de Souza afirma que, depois da obra de Watson, as reuniões das classes e dos *bands* deixam de ser um tema exclusivo de estratégias evangelistas e de organização da vida eclesiástica e adquirem, em definitivo, um *status* teológico.

É nossa intenção, ao desenvolver o presente trabalho monográfico, relacionar os estudos a respeito dos grupos pequenos do movimento metodista inicial com o movimento missionário denominado de Dons e Ministérios conforme visão atual do Colégio Episcopal da Igreja Metodista do Brasil. Pretendemos aprofundar nosso entendimento sobre esses dois momentos da caminhada cristã do povo chamado metodista, identificar oportunidades, contradições e desafios que cada um deles encerra, para, no fim, tirarmos conclusões que sejam úteis a cada um daqueles que tenham a oportunidade e o interesse em conhecer e criticar este documento.

Boa parte do levantamento de informações dar-se-á na formação, na origem, nas mudanças de rumo e nos resultados desses grupos denominados de sociedades, classes e *bands* no início do movimento metodista e nas motivações que levaram John Wesley a colocá-los no centro de sua Igreja.

Mencionaremos o momento de transição dos grupos pequenos da Igreja de John Wesley da Inglaterra para a Igreja Metodista na América do Norte e finalmente sua chegada ao Brasil com os missionários americanos e os temas relacionados com o discipulado cristão.

Abordaremos a questão do modelo de igreja em células no meio evangélico brasileiro e finalmente, abordaremos os desafios aos metodistas para um discipulado em grupos pequenos no contexto de uma igreja de dons e ministérios, participativa, em unidade, sob a graça do Criador e Senhor de todos.

Não temos a pretensão de esgotar as possibilidades nem de responder às intermináveis questões que o tema eclesiologia encerra, mas temos certeza que aprendemos um pouco mais sobre a forma de ser Igreja que Wesley plantou no passado e que continua a nos ensinar e motivar cada dia mais a servir ao Soberano Deus.

CAPÍTULO 1

A ORIGEM DOS PEQUENOS GRUPOS WESLEYANOS

1 Um breve histórico

Numa época que enfatizava as conversões espetaculares que despertavam grande interesse entre a população, John Wesley acreditava num processo de sustento e crescimento do conhecimento e da fé dos convertidos como aquele que poderia apresentar resultados mais duradouros e consistentes, tanto para os novos cristãos quanto para a igreja. “Wesley não apenas estava convencido de que a fé cristã autêntica é nutrida e sustentada num contexto comunitário e social; ele fornecia as estruturas organizacionais para isso” (RUNYON, 2002, p. 147).

No texto “Natureza, propósitos e normas gerais das Sociedades Unidas”, que procura explicar a origem do movimento, John Wesley escreve que, no final de 1739, umas dez pessoas, profundamente convencidas de serem pecadoras e buscando a salvação, o procuraram e lhe propuseram que dedicasse a elas um tempo para oração e aconselhamento. Realizado o primeiro encontro, que foi bastante proveitoso, Wesley entendeu que seria necessário mais tempo para poder realizar aquela importante tarefa. Dedicado a oferecer maior cuidado àquelas pessoas que sinceramente desejavam “fugir da ira vindoura” e buscavam uma piedade mais eficaz, ele firmou o compromisso de se reunir com o grupo todas as quintas-feiras, à noite.

Essa foi a origem da Sociedade Unida, primeiro em Londres e, depois, em outros lugares. Esta sociedade não era senão um grupo de homens procurando o poder da piedade, unidos para orarem juntos, para receberem a palavra de exortação e para vigiarem uns pelos outros em amor, a fim de que possam auxiliar-se mutuamente a conseguir a sua salvação. (LOCKMANN, s.d.p)

Theodore Runyon apresenta dados estatísticos de pesquisa realizada por Thomas Albin, mostrando que entre os primeiros 555 metodistas, apenas um quarto relatou que sua conversão se deu no contexto de pregações enquanto que a maioria precisou do cuidado de sociedade, de classes e *bands*, durante um período médio de 2,3 anos antes de experimentarem o que eles mesmos identificaram como o novo nascimento.

Nesse período, colegas e líderes de classes e pregadores leigos foram as principais influências. As típicas pregações metodistas ao ar livre não se encerravam com um ‘chamado ao altar’ e uma contagem do número de conversões, mas com a informação do local onde a sociedade metodista se reunia e um convite a participar dos encontros (RUNYON, 2002, p. 148).

Deve ser mencionado que, a bem da verdade, John Wesley adotou a prática de organizar as sociedades metodistas da mesma forma que a Igreja da Inglaterra havia desenvolvido a partir da experiência pietista alemã de grupos pequenos. Os contatos de Wesley com os morávios, durante seu tempo como missionário na América e, mais tarde, na Inglaterra através de sua forte amizade com o líder morávio Peter Böhler, além de sua visita à comunidade Moravia de Herrnhurt, serviram de inspiração para a adoção desse modelo de grupos no movimento metodista. John Wesley e Peter Böhler fundaram a Sociedade de Fetter Lane – Londres, em 1º de maio de 1738 (RUNYON, 2002, p. 151).

Com o desenvolvimento do movimento e as novas experiências do pastor John Wesley, bem como certas diferenças teológicas no tema da salvação com os morávios (enquanto Wesley acreditava que a salvação era um tema de preocupação diária, os morávios entendiam que a salvação era uma experiência única e contínua) os conceitos de sociedades religiosas foram revistos. Contribuiu decisivamente para essa revisão de conceitos a controvérsia que ficou conhecida como “quietismo” criada pelos morávios, desmerecendo os “meios de graça” e de piedade dos metodistas em favor de uma postura de silêncio e “espera no Senhor” (RUNYON, 2002, p. 143). Especificamente na sociedade Fetter Lane, John e seu irmão Charles observaram que as reuniões estavam se realizando com ‘pouco cântico, menos orações e nada de amor’ e seus líderes eram considerados como intransigentes, o que resultou no fim da

parceria dos irmãos Wesley com o grupo de dirigentes desta sociedade em julho de 1740. A partir deste fato, Wesley concentrou seus esforços na Sociedade Unida de Bristol, criada um ano antes e na Sociedade Fundação, sendo essa reconhecida como a primeira sociedade de fato metodista, sediada em Londres nesse ano de 1740.

O pastor Samuel Wesley, pai de John Wesley, defendia a criação e o estímulo a esses pequenos grupos, os quais deveriam ser formados no maior número de localidades possível, chegando ele próprio a fundar uma sociedade como essa em Epworth. Algumas regras adotadas na organização das sociedades de Samuel Wesley: novos membros somente poderiam ser admitidos com a aprovação de todos; quando o grupo alcançasse o número de doze, dois membros deveriam sair e iniciar um novo grupo (RUNYON, 2002, p. 150).

Não podemos deixar de mencionar o **Clube Santo**, em Oxford, como um modelo de sociedade anglicana, seguindo com rigor as regras e práticas estabelecidas por aquela igreja. Encorajado por Charles, seu irmão, John Wesley passou dez semanas em Oxford em junho de 1729 e, juntamente com os amigos William Morgan e Bob Kirkham, se reuniam para estudar, orar, discutir assuntos religiosos e participar da Santa Ceia, sendo esse encontro oportunamente reconhecido como a semente de um modelo organizacional e a primeira manifestação do que se tornaria o metodismo em Oxford. Essa sociedade ia além das reuniões em grupo, pois saía a campo para servir diretamente aos pobres e prisioneiros e atender também às suas famílias. Os membros desse grupo se viam como um movimento de renovação dentro da Igreja, aproximando seu culto e prática à Igreja primitiva descrita no livro de Atos. Com a notoriedade adquirida pelo grupo entre seus colegas da escola, dentre outros apelidos irônicos, foram chamados de “Traças da Bíblia” e de “Clube Santo” e mais tarde de “metodistas”, palavra inicialmente carregada de preconceito, mas que aos poucos foi sendo reconhecida como qualidade positiva e, ao final de 1733 já estavam relacionados mais de 40 metodistas, a maioria jovens (BARBOSA, 2002, p. 225).

A fim de evitar a oposição e críticas das autoridades da Igreja Anglicana às reuniões das sociedades, Wesley lembrava que essas reuniões não substituíam os cultos nas paróquias, recomendando a participação ativa dos membros das sociedades nos cultos públicos e nos sacramentos.

Ainda que não fizesse parte dos planos de John Wesley de fundar uma igreja separada da Igreja da Inglaterra, mas sim promover a renovação da Igreja a partir de

seu interior, o movimento metodista desenvolveu-se de forma independente e podemos enumerar aqui algumas das principais razões para isso: antipatia da população urbana pela Igreja anglicana, inúmeros participantes das sociedades não eram membros da igreja anglicana, sentido de solidariedade, apoio e encorajamentos mútuos encontrados nas sociedades e uma eclesiologia funcional, com ênfase em pequenos grupos de apoio (RUNYON, 2002, p. 152).

Com o crescimento das sociedades metodistas, tornou-se mandatária por questão até de sobrevivência do grupo, a sua subdivisão em classes e *bands*, marcas características do movimento metodista, ainda que em seu início fossem inspiradas nos pietistas morávios.

Em “*A Nova Criação*” (2002, p. 153), o professor Theodore Runyon relata que o surgimento das classes se deu por sugestão de um membro das sociedades, certo capitão Foy, que assumiu para si a responsabilidade sobre um grupo de dez ou doze membros, com a finalidade de arrecadar recursos para pagamento do empréstimo financeiro para construção da Nova Sala, em Bristol. Com a evolução das atividades, além da função de arrecadação de recursos, as classes passaram então a servir também para um encontro semanal com o líder do grupo para oração, estudo bíblico, apoio e troca de experiências. As pessoas comuns encontraram nessas reuniões muito além do que podiam almejar, descobrindo que tinham valor aos olhos de Deus, eram livres para orar, falando diretamente ao Criador em suas próprias palavras, podiam discutir e interpretar os textos bíblicos, eram respeitadas, se identificavam com os problemas de seu próximo, enfim, tinham encontrado uma nova forma de se relacionarem entre si e com o seu Deus.

Logo, por razões óbvias, Wesley resolveu transformar a visitação individual em reunião de classes porque percebeu que o encontro periódico, e regular, desses pequenos grupos era a resposta que estava buscando para proporcionar, aos membros das sociedades metodistas, oportunidade para comunhão comunitária corresponsável na forma de oração, cântico de hinos, confissão mútua, compartilhamento de suas experiências cristãs e aconselhamento espiritual, tudo isso sob firme e confiável liderança local. A partir dessa necessidade pragmática, o metodismo primitivo criou e desenvolveu as reuniões de classes, uma de suas mais importantes contribuições eclesiais. Antes de tudo, as classes se constituíram na resposta que Wesley buscava para o “elo perdido” da práxis integrada da santidade de coração e vida (MATTOS, 2002, p. 154-155).

O bispo Paulo Ayres Mattos afirma que as classes vieram a se constituir no elemento central para a prática concreta da santidade de coração e vida pregada por John Wesley dentro do contexto de sua própria Igreja, isto é, um movimento de renovação da igreja – *ecclesiola in ecclesia*, afirmando as classes metodistas como um dos meios prudenciais de graça, declarando, portanto, o seu caráter teológico.

Outro tipo de grupo chamado *band* decorreu do crescimento das sociedades. A Sociedade em Fetter Lane tinha influências anglicanas e morávias e adotou o modelo de subdivisão empregado pelos morávios, composto de um pequeno número de pessoas entre cinco e dez pessoas, com duas reuniões semanais de cânticos, orações e conversas espirituais abertas sobre sua situação pessoal, familiar e suas dificuldades, enfim, derramar sua alma para o grupo. Havia uma divisão dos *bands* de acordo com o sexo, estado civil, faixa etária, possibilitando assim uma maior liberdade de discussão dentro de cada grupo.

Algumas pequenas diferenças são observadas na estrutura e organização das classes com relação aos *bands*. Enquanto nas classes a participação era obrigatória a todos os membros das sociedades e os líderes eram indicados por Wesley, aqui nos *bands* o trabalho era voluntário e o líder era eleito dentro de cada grupo. Em torno de 20% dos metodistas se decidiam a participar de um *band*. Os *bands* tornaram-se mais especializados do que as classes, como pequenos grupos de homens ou de mulheres em situações semelhantes, recém-convertidos e desejosos de um relacionamento mais estreito com aqueles que partilhavam da mesma fé, encorajando uns aos outros no crescimento na graça. Esse “discipulado responsável”, sugere David Lowes Watson, foi a consequência mais duradoura dos pequenos grupos (RUNYON, 2002, p. 157).

Com base em uma fonte do século XIX, Watson descreve as reuniões de classe. Elas eram informais, mas o padrão típico estabelecia que o líder abrisse a reunião com um hino e uma oração, após os quais ‘ele relatava sua própria experiência durante a semana anterior, suas alegrias e tristezas; suas esperanças e temores; seus conflitos com o mundo, a carne e o diabo’. Em seguida pedia a cada membro que relatasse o estado de sua alma. Os membros não partilhavam, geralmente, por meio de uma ‘confissão particular, mas por uma recapitulação geral do que havia se passado em sua mente durante a semana’. A isso se seguia, então, ‘tal conselho, correção, reprovação, consolação’ conforme fosse apropriado, e um período de oração no qual ‘ações de graças (...) ou petições eram feitas de acordo com as diferentes experiências (RUNYON, 2002, p. 158).

O prof. Helmut Renders (2002, nº10, p. 71), ao elaborar um dos poucos trabalhos publicados no Brasil sobre esses pequenos grupos na tradição metodista, faz uma breve retrospectiva histórica comparativa entre os três principais grupos de cristãos na Inglaterra de John Wesley.

Destacam-se, inicialmente, três elementos básicos: a sociedade, as classes e os *bands*.

Uma sociedade representava o total dos/as membros metodistas num certo local. O equivalente, hoje, seria uma igreja local, comunidade, ou um ponto de pregação. Todas as pessoas que mostrassem interesse em filiar-se a uma sociedade metodista tinham que entrar numa classe. A dinâmica desses grupos era marcada pela troca de experiências a partir de perguntas freqüentemente repetidas, desde 1744, inclusive nas Regras Gerais.

Os/as integrantes das classes tinham experiências espirituais diferentes. Nelas encontravam-se pessoas na busca da fé e pessoas com a certeza da fé. A partir das perguntas, todas elas trocavam as suas experiências pessoais, inclusive o(a) líder da classe. Temos então aqui um processo mútuo, em que um(a) líder cuidava, em primeiro lugar, do processo mútuo. Além disso, compartilhava também a sua experiência pessoal, com os seus altos e baixos. Assim, falavam todos/as das suas derrotas como das suas vitórias, na busca de crescimento pessoal. A organização das classes seguiu uma lógica geográfica para atender aos problemas de locomoção.

Os *bands* foram constituídas meramente por pessoas que tinham a certeza da fé. Importante, porém, é que a dinâmica nos grupos não mudou. Houve novamente uma lista de perguntas que serviu para o auto-exame e o exame mútuo. A participação era voluntária, mas, de um integrante se esperava uma radical abertura para a avaliação mútua.

No tempo de Wesley havia mais uma especificidade, por meio dos *bands* seletos (*selected bands*). Nelas se encontravam pessoas em busca da perfeição cristã. Ao redor de 1780, entretanto, tanto os *bands* como os *bands* seletos quase não mais existiam.

Creemos que a razão principal do fim dos *bands* bem como dos *selected bands* tenha sido sua alta especificidade, o que se constituía um fator restritivo à participação da maioria das pessoas, além do número reduzido de membros em cada grupo, em torno de cinco ou seis pessoas, seguras de sua fé e em busca da perfeição cristã.

Em seguida, o professor Renders relata as regras para admissão e manutenção como membro de uma classe.

Uma pessoa interessada em ingressar numa classe, e, mediante isso, numa sociedade, tinha um prazo inicial de três meses para conhecer a dinâmica do grupo e avaliar a suas exigências. Depois, a renovação de tickets (espécie de cartão de membro) significava a continuação, tanto na classe como na sociedade. Assim, a membresia era sempre

probatória. Nota-se que o critério não era a fé ou a certeza da fé, mas a prática e a observação das Regras Gerais. Assim, tanto anglicanos(as) quanto integrantes de outras igrejas poderiam participar numa sociedade. Observa-se que a rejeição da continuação na sociedade não significava a exclusão da igreja cristã, por que a pessoa pertencia à Igreja Anglicana – ou um outro grupo – e participava no movimento metodista (RENDERS, 2002, nº10, p. 71).

Com frequência John Wesley tinha que responder aos críticos de seu movimento tanto na existência quanto na forma de operação desses grupos, alegando ainda que não havia base bíblica para o uso dessa prática.

Na obra *Leiga, Ministerial e Ecumênica*, José Carlos de Souza, escreve que diante da nova acusação de que as classes não passavam de “invenção humana”, Wesley serenamente assume: são, sim, invenções humanas, isto é, “métodos que os homens descobriram, pela razão e o senso comum, para aplicar mais eficazmente várias regras da Escritura, extravasadas em termos gerais, às ocasiões particulares” (2009, p. 128-129).

Theodore Runyon (2002, p. 158), em seu livro *A nova criação*, destaca que a verdadeira essência da liderança do movimento encontrava-se nos líderes; eles forneciam o atendimento pessoal e pastoral e o cuidado para com os membros individualmente, além de dar o tom de seus grupos. Qualquer membro ausente poderia esperar uma visita do líder da classe durante a semana; desse modo, ele poderia oferecer ajuda aos doentes e incapacitados, encorajar os desanimados e reprovar os afastamentos. Os líderes das classes desenvolviam uma variedade de atividades pastorais, e por meio de sua liderança semanal nas orações, nos cânticos e nos testemunhos era possível descobrir se possuíam os dons e o chamado para servir como pastores leigos nas próprias sociedades ou em outras.

As despesas das sociedades eram cobertas por compromissos trimestrais. As contribuições semanais destinavam-se principalmente aos pobres.

John Wesley aprendeu com o desenvolvimento das atividades das sociedades e particularmente das classes o valor do relacionamento estreito entre os cristãos, a importância do encontro regular, a troca de experiências e apoio mútuo entre os irmãos, sob a liderança zelosa de um clérigo ou um leigo particularmente preparado para esse acompanhamento. Esse é o resumo do sucesso dos pequenos grupos wesleyanos: relacionamento e apoio.

O professor José Carlos Barbosa, em sua obra *Adoro a Sabedoria de Deus*, ao falar a respeito das ‘Doutrinas Fundamentais Metodistas’, ressalta a visão de John Wesley acerca de uma vida religiosa de inclusão, de aproximação e cuidado uns para com os outros, ao mesmo tempo em que condena o comportamento comum de isolamento entre os místicos e contemplativos de sua época (2002, p. 352).

No prefácio, incluído na coleção *Espiritualidade e Hinos*, Wesley combate a espiritualidade mística que determina isolamento e solidão. Ele diz que enquanto Jesus recomenda aos cristãos edificarem-se uns aos outros os místicos elogiam a religião solitária. Recomendam retiros espirituais, não para melhorar a relação entre as pessoas, mas para um isolamento com a finalidade de purificar a alma. Enquanto Jesus e os apóstolos ensinam que quando estamos unidos com os outros é que somos alimentados por Deus, eles falam o contrário. Enquanto Jesus faz questão de destacar que devem andar sempre juntos, e os envia para a missão, de dois em dois, os místicos fazem o contrário. Jesus, num momento muito importante de seu ministério, determinou que permanecessem juntos, que esperassem juntos, aguardando a promessa do Pai. Eles obedeceram e estavam juntos no mesmo lugar, quando receberam a promessa do Espírito Santo. Mais adiante, quando três mil almas foram acrescentadas ao grupo, todos os que criam estavam juntos e continuaram firmes não só na doutrina dos apóstolos, mas também no companheirismo e no partilhar do pão.

O que o apóstolo Paulo ensina sobre crescimento espiritual é bem diferente do que afirmam os místicos. Para estes, o que interessa é a contemplação, o não envolvimento em questões materiais, uma vida voltada apenas para aquilo que chamam de espiritual.

O Evangelho de Cristo é completamente oposto a este tipo de religião. No evangelho não há religião solitária. “Santos solitários” é uma frase tão inconsistente com os evangelhos como “adúlteros santos”. O evangelho de Cristo não conhece outra classe de religião que não seja uma religião social (BARBOSA, 2002, p. 352).

Assim é o caminho proposto por Jesus para seus seguidores, viver o evangelho no mundo, com todas as suas implicações, com sua diversidade e complexidade, relacionando-nos, interagindo, umas vezes felizes e animados, outras nem tanto, mas juntos, edificando-nos e amparando-nos, o reino é aqui.

2 Modelo de organização

Para compreensão adequada do papel dos pequenos grupos no movimento metodista devemos conhecer as regras estabelecidas para seu funcionamento e analisar alguns detalhes considerados mais significativos da estrutura e da organização desses

grupos, especialmente a participação dos leigos, das mulheres e dos pobres, que passaram a integrar esses grupos, a partir da criação das sociedades metodistas.

2.1 Regras gerais

No documento “Natureza, propósitos e regras gerais das Sociedades Unidas”, escrito em maio de 1743, os irmãos John e Charles Wesley detalham as instruções para a organização e funcionamento das sociedades e repassam as orientações para os líderes dos grupos menores em que foram subdivididos, aos quais eles denominam de classes.

Segundo Heitzenrater (1996, p. 138), John Wesley, em uma breve história e descrição das sociedades, detalhou as regras para os novos membros:

A fim de se *juntar* à sociedade, era exigido que as pessoas demonstrassem apenas uma condição – “o desejo de fugir da ira vindoura, para ser salvo de seus pecados”. Aqueles, entretanto, que quisessem *continuar* nas sociedades, deveriam demonstrar “a evidencia de seu desejo de salvação, primeiro, não praticando o mal... segundo, fazendo o bem... terceiro, obedecendo todas as ordenanças de Deus” (HEITZENRATER, 1996, p. 138).

Creemos que uma das razões mais importantes na continuidade e nos bons resultados obtidos no movimento metodista na Inglaterra seja a liderança carismática e ferrenha de John Wesley. Enquanto nos dias atuais constatamos certa liberalidade na **admissão de membros** independente de comprovação de mudanças na conduta, com excessiva valorização do quantitativo de novos integrantes nos grupos religiosos, John Wesley impunha condições que podemos considerar difíceis de serem observadas inclusive pelos líderes dos vários grupos de membros do movimento.

Torna-se importante ressaltar, no entanto, que esse cuidado até exagerado de John Wesley na admissão e reta conduta daí por diante daqueles que se decidiram por integrar as sociedades wesleyanas, não corresponde, de forma alguma, a qualquer condição de preconceito ou constrangimento quanto à vida pregressa dos convertidos nem sua origem denominacional, sendo acolhidos de maneira aberta e alegre pelos líderes e membros participantes dessas sociedades todos os que tinham uma só fé, uma só esperança, um só Senhor (cf. Ef 4.1-6).

Como exemplo dessa pluralidade religiosa, mencionamos a Sociedade em Fetter Lane, constituída de pessoas tanto novas convertidas quanto outras de origem

anglicana, batista, presbiteriana, quacres e católico-romanas, dentre outras. Apesar de admitir participantes de diversas origens, foram estabelecidos critérios tanto para a admissão quanto para a continuidade da participação nestes grupos.

O líder metodista “sempre foi muito rigoroso na admissão de novos membros ao movimento metodista”. Na carta dirigida ao pregador Lancelot Harrison, de 16 de janeiro de 1780, ele assinala reconhecer que naquele distrito muitos não conheciam as Regras Gerais. Exige que imediatamente ele reúna cada sociedade com o objetivo único de ler e explicar o conteúdo das mesmas. Orienta que ninguém mais seja recebido como membro antes que as tenha lido e concordado. Numa outra carta, de 22 de fevereiro de 1776, desta vez dirigida ao pregador Joseph Benson, ele é muito mais incisivo. Diz:

“Basta de ameaças; é hora de agir”. Em novembro passado eu disse à Sociedade em Londres: “Nossa regra manda reunirmos com uma classe uma vez por semana, não uma vez cada duas ou três semanas. Advirto-lhes, agora, que não lhes darei *tickets* [uma espécie de bilhetes renováveis trimestralmente, fornecidos aos membros que mostravam desejo sincero pela salvação] a ninguém em fevereiro, a não ser às pessoas que já receberam. Eu cumpri minha palavra. Faça o mesmo onde quer que você visite as classes. Comece, se for necessário, em Newcastle, e prossiga a Sunderland. Já não aceitamos somente promessas. Exclua os que não se reuniram sete vezes no trimestre. Leia seus nomes na sociedade, e informe-lhes que no próximo trimestre serão excluídos todos os que não se reunirem doze vezes (isto é, a menos que possam justificar as faltas por meio da distância, enfermidade ou qualquer outra motivação inevitável). Sem temor ou favoritismo destitua os líderes, das classes e das sociedades, que não cuidam das almas que estão sob seus cuidados.” (BARBOSA, 2002, p. 34).

É evidente que essas regras são inimagináveis e inaplicáveis tanto na disciplina aos líderes quanto aos membros de uma igreja local nos dias de hoje, porém devem ser contextualizadas para o momento de constituição e organização das sociedades religiosas inglesas, levando-se ainda em consideração a cultura diversificada de cada localidade e dos diferentes estratos sociais das pessoas que estavam sendo integradas ao movimento. A dureza das palavras de John Wesley na correspondência revela certa impaciência com a liderança do movimento, provavelmente num momento de dificuldade na consolidação das sociedades metodistas naquelas localidades.

Ainda a respeito da disciplina nos grupos metodistas, o professor Barbosa prossegue em seu livro *Adoro a Sabedoria de Deus*:

No início do ano seguinte, em 11 de janeiro de 1777, para a mesma pessoa, ele diz: “O que tenho de dizer é muito breve. Necessito que

“você se reúna com as Sociedades de Sunderland e Shields durante o próximo trimestre e que não dê *tickets* a nenhuma pessoa que não se comprometa a não vender ou comprar produtos contrabandeados.”

Numa outra carta, desta vez para William Church, no dia 13 de outubro de 1778, ele fornece novas orientações e exige uma postura mais rigorosa.

Assinala que o cristão também é forjado pela disciplina e que cabe principalmente aos líderes dar bom exemplo de seriedade no cumprimento das normas. Exige que os pregadores e líderes metodistas insistam no cumprimento de todas as regras da Sociedade, de todas, mesmo das menores. Ele próprio, costuma dar exemplo do que está exigindo. Diz não fornecer tickets para nenhuma mulher que use chapéus caros e luxuosos. Acha que qualquer uma que não estiver disposta a desfazer-se deles não merece e não deve fazer parte do Metodismo (BARBOSA, 2002, p. 34).

Esta liderança autoritária e disciplinadora verificada nos métodos empregados por John Wesley foi um fator determinante para o crescimento das sociedades e classes do início do movimento metodista. Pode ser questionável se, nos tempos atuais, as normas rígidas requeridas por ele tanto dos seguidores do movimento, mas, especialmente, dos líderes dos grupos, seriam aceitas e seguidas pelos cristãos modernos de uma sociedade caracterizada pela competição, pela pressa, pela independência, pelo individualismo e pela prosperidade material.

Vamos relembrar algumas normas estabelecidas pelo líder do movimento metodista, relatadas pelo professor Barbosa, descrevendo que no sermão *A vinha do Senhor*, baseado em Isaías 5,4 e concluído no dia 17 de outubro de 1787, John Wesley destaca a importância da disciplina e assinala que ela é uma das ajudas espirituais derramadas por Deus sobre a sua vinha.

Os metodistas, diz ele, são pessoas privilegiadas porque podem dispor de um modelo de disciplina extremamente simples e racional, totalmente fundamentado no bom senso e nas Escrituras.

As celebrações ocorrem às cinco da manhã e às seis ou sete da tarde, para não interferir com os horários de trabalho. Só aos domingos é que começam às nove ou dez e finalizam compartilhando a Ceia do Senhor. A sociedade se reúne aos domingos à tarde, tendo o cuidado de terminar cedo para que aqueles que tenham família disponham de tempo para instruí-la. Uma vez por trimestre, o pregador encarregado de cada circuito examina cada membro da sociedade. Deste modo, se há alguém cuja conduta é reprovável, o que é de se esperar num grupo tão numeroso, são tomadas medidas para livrar a sociedade do pecado ou do pecador.

Acaso pode haver algo mais racional ou mais bíblico que esta simples disciplina, que pode ser cumprida do princípio ao fim sem ocasionar problemas, gastos ou demora? (BARBOSA, 2002, p. 300)

As classes também tinham sua disciplina própria, cuja participação era obrigatória a todos os participantes das sociedades, reunindo-se uma vez por semana, em grupos de 12 membros além de um líder, que deveria abrir a reunião com um hino e uma oração, relato de experiências na semana anterior, conselhos e orientações, encerrando-se com momentos de oração. Com respeito à disciplina, não deve, no entanto, restar falsa impressão de que John Wesley tivesse qualquer pretensão de conduzir seus liderados como um general eclesiástico, mas questões particulares e de momento requeriam uma organização centralizada em sua pessoa.

A criação de John Wesley se dera em ambiente conservador. A Igreja Anglicana prezava pelo princípio da autoridade. O metodismo, visto não como uma igreja, mas sim como um movimento exigia um condutor que lhe desse a direção até que se mostrasse como um grupo consolidado. A oposição que o movimento enfrentou tanto da Igreja da Inglaterra quanto internamente em questões religiosas e doutrinárias requeria liderança forte e segura de seu dirigente.

Por outro lado, alguns fatos novos na evolução e expansão do movimento foram abrandando as regras disciplinares antes estabelecidas por John Wesley, tornando-o mais flexível e democrático, ainda que não democrático (sistema ao qual ele não era adepto), sem os impedimentos estruturais de uma instituição fechada. Podemos citar a experiência de Wesley em Aldersgate como fundamental para a visão da fé e da graça livre de Deus como condição para a salvação das almas. A liberdade de opinião e o livre arbítrio são destacados nos sermões e textos resultantes das últimas conferências metodistas e prática de troca de opiniões, e experiências dentro das classes e *bands* confirmam o processo de evolução de uma disciplina rigorosa em sua organização inicial para inequívocos sinais de plena liberdade a medida que o movimento se consolidava.

John Wesley era sensível à causa dos direitos humanos e à liberdade de expressão, especialmente a liberdade de escolha religiosa, conforme a consciência de cada um, concedida pelo próprio Criador. Em seu entendimento da questão do livre arbítrio, cada um deveria julgar por si mesmo e disso prestar contas a Deus.

Segundo Báez Camargo (1986, p. 80) em seu livro *Gênio e Espírito do Metodismo Wesleyano* desde seus princípios, o metodismo wesleyano foi uma “democracia disciplinada” e uma “disciplina democrática”.

Heitzenrater (1996, p. 279) relata que “em 1782, Wesley começou a relaxar suas regras anteriores a respeito da participação na Igreja. Enquanto elogiava Thomas Brisco por mudar os horários dos cultos metodistas, Wesley continuou dizendo que ‘ele recomendava que todas as pessoas fossem à Igreja tanto quanto possível’”.

2.2 O ministério leigo e a participação feminina

Não podemos deixar de relatar o papel de Susanna, mãe de Wesley, na iniciativa pioneira e até ousada para os costumes anglicanos de, na ausência do marido e pastor, Samuel Wesley, por motivos de viagem, conduzir tardes de oração, cânticos, leitura bíblica e conversações religiosas aos domingos na casa paroquial de Epworth, inicialmente para os filhos e empregados e logo em seguida contava com a presença da vizinhança, chegando a reunir mais de duzentas pessoas nesses encontros (RUNYON, 2002, p. 242).

Observar sua mãe atuar como líder espiritual leiga talvez tenha contribuído para a futura aceitação de Wesley de **mulheres** nas funções de líderes de classes e *bands*, dando então ao metodismo papel importante na queda das barreiras tradicionais contra as mulheres em papéis de liderança nas igrejas. Na Sociedade em Fetter Lane, as mulheres atuavam como líderes de *bands* femininas e depois também nas classes metodistas, sendo que em 1742, na relação de líderes da Sociedade do edifício da Fundação, o número de mulheres superava o de homens na lista. Partindo desse papel de liderança efetiva como líderes de classe, as mulheres iniciaram um apelo a Wesley para que ele as autorizasse a pregar o evangelho, o que de fato se concretizou no ano de 1771 (RUNYON, 2002, p. 244).

Uma questão fundamental em qualquer estudo sobre os pequenos grupos wesleyanos é a descoberta e valorização do papel dos **leigos** no movimento iniciado por John Wesley e outros cristãos, sendo esse mais um ponto de ampla controvérsia e questionamentos por parte dos clérigos da Igreja da Inglaterra.

Em seu sermão “O Ofício Ministerial”, John Wesley parte do versículo de Hebreus 5:4 - ‘E ninguém toma para si esta honra, senão o que é chamado por Deus, como Arão’ para argumentar a favor dos pregadores leigos, que ainda que não sejam

Sacerdotes, nem Diáconos, tomaram para si a tarefa de pregarem a Palavra. John Wesley defende os pregadores leigos com base na separação de atribuições entre a pessoa chamada por Deus para ministrar ou exercer o ofício de um Sacerdote e aquela pessoa enviada por Jesus para anunciar as boas novas do evangelho, como no comissionamento no final do livro de Mateus, conhecido como “Ide”. A ressalva enfatizada por John Wesley para os leigos, no entanto, é que se limitem às atividades de pregação e as demais tarefas que não sejam exclusivas dos vocacionados para o ministério clerical, tais como o batismo e a ministração da Santa Ceia.

Anteriormente, em 1750, Wesley havia defendido a pregação dos homens leigos com o argumento de que a pregação deveria ser avaliada pelos seus frutos, os quais mostrariam se eles têm os dons indispensáveis necessários para edificar a Igreja de Cristo. A certeza dessa afirmação estava alicerçada nas Escrituras, especificamente no livro de Atos 8.4 – “Os que, porém, haviam sido dispersos, iam por toda a parte pregando a Palavra”. O número dos que foram dispersos era enorme e o envio desses homens para essas regiões onde passaram a pregar a Palavra não foi comissionamento humano. Coerente com seu posicionamento inédito com relação aos leigos, Wesley não poderia negar a evidência desses dons de pregação também nas mulheres, concluindo assim que o Espírito pode romper os limites impostos pela Igreja (RUNYON, 2002, p. 245).

Demos ênfase especial no presente trabalho ao papel do leigo e das mulheres nas sociedades metodistas porque, ainda que, no início, seu emprego se deu mais por necessidade de atender ao crescente número de sociedades do que por planejamento, acreditamos existir uma relação estreita entre suas atividades na igreja do século XVIII e a abordagem de uma eclesiologia baseada em dons e ministérios conforme programa adotado pela igreja metodista em nosso tempo.

Apesar de orgulhar-se de que seu pensamento religioso não mudara desde Aldersgate e também de afirmar em diversos textos que o Metodismo, longe de ser uma invenção recente, é um movimento que procura resgatar a essência do cristianismo, provocar um “despertamento” e não uma nova religião, mas consistia na “antiga” religião da Bíblia, da Igreja Primitiva, John Wesley escreve em seu *Journal*, no dia 12 de abril de 1789:

... andei sem alternativas durante cinquenta anos, nunca alternando de maneira alguma a doutrina da Igreja; nem tampouco por escolha

sua disciplina, senão por necessidade. Assim, no transcurso dos anos, a necessidade me exigiu: 1. Pregar ao ar livre. 2. Orar de improviso ou de forma extemporânea. 3. Organizar sociedades. 4. Aceitar a ajuda de pregadores leigos” (BARBOSA, 2002, p. 309).

Essas novidades forçadas pelas circunstâncias que revolucionaram o padrão e comportamento religioso tradicional da Igreja da Inglaterra terão forte impacto na organização da Igreja Metodista Episcopal constituída nas novas fronteiras da América do Norte e em todos os futuros campos missionários em consequência de sua expansão, como no caso do Brasil.

Sem a contribuição dos pregadores leigos, sem a liderança desenvolvida nas reuniões das sociedades e suas divisões em classes e *bands* e sem a ousadia de se falar em igreja fora das paredes convencionais dos templos religiosos expandindo o espaço eclesial, não poderíamos conceber hoje um programa do tipo dons e ministérios adotado em nossos dias.

2.3 A estrutura conexional

Outra característica marcante do metodismo é a **conexão** entre as sociedades, considerada uma ideia que deu certo.

Uma das razões apontadas como fundamentais para a longevidade e permanência de uma denominação religiosa, seja da Igreja Católica Romana ou das igrejas evangélicas históricas é a sua unidade e respeito às doutrinas e normas organizacionais elaboradas a partir de uma instância hierárquica superior, ou sede, ou conselho superior que as mantêm conectadas.

Por outro lado, a falta de uma estrutura política, administrativa e religiosa que verificamos nos grupos de igrejas em células é comumente apontada como a causa principal da falta de continuidade e durabilidade desses projetos bem intencionados em sua formulação.

O professor José Carlos Barbosa (2002, p. 334) descreve a origem do modelo de organização conexional, nascido de forma acidental, não planejada, quando em novembro de 1739, John Wesley, John Gambold e John Robinson, todos integrantes do Metodismo de Oxford, decidiram fazer uma reunião anual em Londres, logo após o Pentecostes (em abril ou maio), e avaliaram a possibilidade de realizarem reuniões

trimestrais, desde que fossem possíveis, na segunda terça-feira de janeiro, julho e outubro. Decidiram ainda que, no interregno deste período, deveriam preparar relatórios mensais sobre as atividades que estavam desenvolvendo para que os demais tomassem conhecimento. Outra medida importante resolvida nessa primeira reunião foi organizar uma relação com os nomes de pessoas que poderiam ser convidadas para participar das próximas reuniões. Lembraram de diversas pessoas que também participaram do Clube Santo e abriram espaço para outros “amigos espirituais que fossem capazes e quisessem” participar do grupo.

2.4 As conferências

Creemos que nem o próprio John Wesley poderia imaginar as consequências e o alcance das Conferências anuais ao propor a realização desses encontros entre os líderes do movimento. Apesar da tendência autocrática de Wesley na condução das Sociedades chamadas metodistas, característica pessoal influenciada pela sua formação na Igreja Anglicana, a prática das conferências possibilitou a participação dos pregadores, estimulando o surgimento de ideias e possibilidades para o movimento, a troca de experiências individuais entre seus membros e a tomada de decisões de forma coletiva e não mais de alguns poucos líderes do grupo.

Apesar da idéia de uma Conferência anual ter nascido neste ano de 1739, o fato é que somente na Conferência de Agosto de 1745 é que vai ser estabelecida definitivamente a prática de uma Conferência anual. Nessa ocasião ficou acertado que a reunião seria uma grande oportunidade para Wesley deliberar com seus pregadores a respeito de assuntos de governo e de doutrina. O grupo de três clérigos e seis pregadores leigos, reunido em Bristol neste ano de 1745, consumiu boa parte do tempo discutindo qual deveria ser o conteúdo da pregação metodista. Esse tema tornou-se relevante porque os pregadores leigos estavam dando excessiva ênfase na “ira de Deus e muito pouca no seu amor”. Nas Atas desta Conferência consta a seguinte recomendação aos pregadores: “você não tem nada a fazer senão salvar almas. Portanto, gastem e sejam gastos nessa obra. Devem ir sempre, não apenas de encontro aos que precisam de vocês, mas aos que necessitam mais”.

A Conferência de 1790 foi a última que contou com a participação de John Wesley. O método de nomeação dos pregadores foi o mesmo de sempre: “O sr. Wesley pôs a mão no bolso e tirou uma folha manuscrita, a qual, acredita-se, ninguém havia visto desde que ele a escreveu em Newcastle, no seu caminho para a Conferência”. O Metodismo da Grã-Bretanha contava quase trezentos pregadores para dirigir um rebanho de 71.463 membros. (BARBOSA, 2002, p. 334)

As Conferencias acabaram se transformando na fonte de autoridade do movimento, tornando-se a melhor solução para a preocupação de John Wesley quanto à continuidade do metodismo após sua morte. O sistema conciliar de governo da Igreja Metodista que perdura até nossos dias, surgiu a partir dessa ideia inicial de um simples encontro entre John Wesley e alguns poucos pregadores das sociedades maiores, consolidou-se com a prática dessas conferencias, tornando-se hoje numa de suas marcas mais características.

3 Alcançando um novo público

A partir do momento em que John Wesley admitiu a possibilidade de deixar as paredes da Igreja Anglicana para ir ao encontro das pessoas em suas casas, nas ruas, nas minas e nas fábricas em fase de implantação, para levar até eles o evangelho da salvação em Cristo, certamente ele não poderia conceber a extensão e o alcance que esta mensagem teria entre aquela gente que, em sua maioria, não era frequentadora habitual da igreja. Juntamente com o evangelho, o coração sinceramente piedoso de John Wesley que se observa desde as atividades de atendimentos aos presos, aos doentes e desfavorecidos pelo grupo de amigos do Clube Santo em Oxford, leva o movimento metodista a alcançar um novo e numeroso público não atendido pela Igreja estabelecida, que são os pobres.

Afirma o professor José Carlos Barbosa (BARBOSA, 2002, p. 33) que, desde o início de seu ministério, John Wesley dedicou atenção especial aos pobres e doentes. Ao notar, em 1741, que a sociedade unida de Londres reunia grande número de pessoas carentes, cria um fundo de auxílio aos pobres e doentes, a partir da contribuição individual de um *penny* por semana dentre os membros dessa sociedade. Os valores arrecadados eram administrados por dois ecônomos (*stewards*) e as quantias emprestadas deveriam ser pagas em até três meses, sem juros, e o sucesso dessa iniciativa ajudou mais de 250 pessoas no primeiro ano de funcionamento. Além disso, John Wesley publicou uma coleção de receitas medicinais que se tornou muito popular e, auxiliado por um médico e um farmacêutico, passou a atender e distribuir medicamentos entre os doentes pobres. Dentre outras ações, criou uma pequena indústria caseira de tricô destinada às mulheres pobres desejosas de aprender a trabalhar nessa área.

Complementando, Theodore Runyon (RUNYON, 2002, p. 232) cita M. Douglas Meeks que descreve como intensamente prático o ministério de John Wesley aos pobres, incluindo alimentar, vestir e abrigar os pobres, preparar os desempregados para o trabalho, visitar os enfermos e presos pobres, concluindo que ser discípulo de Cristo significava ser obediente ao seu mandamento de alimentar as suas ovelhas e servir aos mais pequeninos de seus irmãos e irmãs.

Ainda que John Wesley tivesse publicado um tratado sobre a condição econômica do pobre denunciando as dificuldades extremas por que passavam os pobres, ele não esperou ações por parte do governo, ensinando que servir e atender ao miserável era parte do trabalho de todos os metodistas, levando-lhes um sentimento de valor próprio ao entenderem serem feitos imagem de Deus. Agora eles podiam pertencer a um grupo, a uma sociedade, uma classe, com espaço e direito de relatarem suas dificuldades e serem ouvidos, aprenderem sobre o evangelho sobre a fé, sobre a graça e salvação em Jesus.

Segundo Runyon (2002, p. 240), para coroar essa nova condição de cidadão, faltava adquirir a capacidade de ler e escrever, especialmente as Escrituras, conquistando enfim o poder e a liberdade de não mais depender de mediadores para acessar aos livros sagrados. John Wesley então estimula a criação de escolas aos sábados, e logo em seguida surgem as Escolas Dominicais, cuja fundação é atribuída a Robert Raikes, de enormes benefícios para todos, especialmente a classe trabalhadora pobre.

Vale registrar a atuação das mulheres na criação de orfanatos, internatos e na administração de escolas para crianças pobres, como no caso de Hannah Ball, uma jovem de 26 anos que fundou uma escola dominical para meninos e meninas pobres de High Wycombe, em 1769, onde, além da educação cristã, aprendiam também sobre leitura, escrita e aritmética. Segundo João Wesley Dornellas em seu artigo de setembro de 2010 publicado na internet: A escola dominical completa 241 anos, a glória da criação da Escola Dominical cabe a Hannah Ball, criada onze anos antes do que a escola de Raikes.

Ao mencionarmos a inclusão de um novo público, os pobres, nas atividades religiosas por meio das ações inovadoras de John Wesley, quisemos chamar a atenção para as estratégias que estão sendo desenvolvidas pela Igreja Metodista de nossos dias, ao adotar os instrumentos de pequenos grupos de estudo nas comunidades, como

forma de ser igreja. A lição que aprendemos aqui com John Wesley é a inovação, a descoberta de novas formas de abordagem das pessoas que desconhecem o propósito de salvação ofertado por Jesus e mesmo daquelas que se encontram afastadas e desiludidas com a Igreja do Senhor. É a capacidade de ampliação do atendimento a um público carente de paz e de descanso que Jesus proporciona. Esse novo público certamente irá requerer uma renovação da imagem corrente da igreja como portadora da mensagem de salvação e também uma renovação da imagem moral daqueles que testemunham com a própria vida como mensageiros dessas boas novas.

Após estudarmos a origem do movimento metodista, o surgimento dos pequenos grupos wesleyanos, sua organização, suas características marcantes de valorização dos leigos, com a inclusão das mulheres e também dos marginalizados da igreja oficial, podemos então analisar como se deu a expansão do metodismo dentro e fora da Inglaterra, até alcançar as terras brasileiras.

CAPÍTULO 2

A EXPANSÃO DO MOVIMENTO

1 O crescimento, as controvérsias e as dificuldades

Iremos analisar neste tópico o desenvolvimento quantitativo daquelas pessoas que iam se agregando ao movimento, bem como as enormes dificuldades e obstáculos enfrentados particularmente por John Wesley na consolidação de seu movimento com o propósito de salvar almas para o Senhor.

Vejam os um informe estatístico que nos passa uma ideia do crescimento do metodismo:

Na Inglaterra, as sociedades metodistas continuaram seu crescimento firme, mas nem sempre uniforme, de cerca de mil e seiscentos membros por ano. ... em 1775, Leeds se tornou o segundo circuito, junto com Londres, a ter mais de dois mil membros, tendo seu tamanho dobrado durante a década anterior... (HEITZENRATER, 1996, p. 265)

A preocupação dos líderes do movimento não se restringia à questão quantitativa, alcançando também a questão da falta de qualificação dos pregadores, considerada um dos obstáculos ao trabalho de reavivamento, além da negligência que alguns emprestavam ao serviço cristão.

Richard P. Heitzenrater (1996, p. 266) relata a reação de John Wesley valorizando o trabalho dos pregadores contra a objeção geral de que “a maioria deles

não é chamada por Deus para pregar”, afirmando em correspondência para Alexander Mather, um de seus assistentes: “Dê-me cem pregadores que não tenham medo de nada, a não ser do pecado, e que não desejem mais nada, a não ser Deus, e, não me importo se são clérigos ou leigos, eles sozinhos farão tremer os portões do inferno e estabelecerão o reino dos céus aqui na terra”.

Outra dificuldade adicional enfrentada por Wesley era a oposição dos calvinistas e sua doutrina da predestinação a influenciar os integrantes do movimento metodista, inclusive com a edição de publicações contendo críticas e sátiras ao povo “fanático” e seu líder.

Não podem ser desconsideradas as enormes dificuldades enfrentadas por John Wesley nas tensões permanentes entre os clérigos e os leigos do movimento, que geralmente acabavam na questão da separação da Igreja Anglicana e no direito pessoal dele de indicar pregadores ou se tal privilégio fosse exclusivo da Conferência. O problema da indicação de pregadores dividia inclusive os irmãos Wesley, com Charles sendo radicalmente contra essa ação por parte de John Wesley.

Um dos problemas gerados pelo crescimento das sociedades era a falta de local adequado para realização das reuniões, cuja solução exigia grande quantidade de recursos financeiros. Em casos extremos foram improvisados e utilizados até celeiros e estábulos para receber as multidões interessadas em participar das reuniões e ouvir as pregações metodistas.

No contexto de expansão industrial vigente na Inglaterra do século XVIII, os membros das sociedades wesleyanas começavam a mostrar sinais crescentes de prosperidade material. Se por um lado tal situação devesse ser vista como motivo de alegria, Wesley demonstrava alguma insatisfação com o acúmulo supérfluo de riqueza pelos metodistas, responsabilizando essa prosperidade financeira como uma das causas do declínio de algumas sociedades.

Num sermão intitulado *The Danger of Riches* (o perigo das riquezas), propiciou a oportunidade para reiterar seus três princípios afirmados antes em *The Use of Money* (o uso do dinheiro – 1760): ganhe tudo o que puder, economize tudo o que puder, (mas especialmente) dê tudo o que puder (HEITZENRATER, 1996, p. 281)

A esse respeito vale registrar ao menos trechos do sermão de John Wesley intitulado “Causas da Ineficiência do Cristianismo” pregado em Dublin em 02 de julho de 1789, quando ele lança a difícil questão: Por que o Cristianismo tem feito tão pouco bem, no mundo? E John Wesley tenta responder sua própria indagação afirmando que não é só pela corrupção e pecado do ser humano. Não é pelo desconhecimento das Escrituras por grande parte dos povos ainda não convertidos, também não é só por falta de retidão e serviço entre alguns metodistas. E John Wesley então dirige sua argumentação para algumas faltas pessoais dentre o povo chamado metodista, primeiramente pelo descumprimento da terceira regra: "Dê tudo o que você puder" afirmando ser difícil encontrar quinhentos desses entre cinquenta mil metodistas. Critica também o abandono da prática do jejum bíblico primitivo como era observado e respeitado no início do movimento e pergunta:

Mas por que essa abnegação, em geral, é tão pouco praticada, no momento, entre os Metodistas? Por que é tão pouco dela encontrada, mesmo nas Sociedades mais antigas e maiores? Quanto mais eu observo e considero coisas, mais, claramente, aparece qual é a causa disso, em Londres, em Bristol, em Birmingham, em Manchester, em Leeds, em Dublin, em Cork. Os metodistas ficaram mais e mais comodistas, porque eles ficaram ricos. E, ricos, naturalmente, geram orgulho, amor do mundo, e todo o temperamento que é destrutivo do Cristianismo. Agora, se não existe um meio de coibir isso, o Cristianismo é inconsistente consigo mesmo, e, em consequência, não pode permanecer, não pode continuar, muito tempo, entre quaisquer pessoas, desde que, onde quer que ele prevaleça, ele mina sua própria fundação (Renders, 2006, CD-ROM).

Considerando que o estilo de gestão e liderança exercido por John Wesley era bastante centralizado, surgia uma preocupação com a continuidade da conexão entre as sociedades após sua morte, sem contar com as questões estruturais da organização e da administração do patrimônio metodista existente.

Com a volta dos pregadores de John Wesley da América em 1777, devido à Revolução Americana, estava criada mais uma enorme dificuldade pela redução dos clérigos naquele continente, deixando sem a ministração dos sacramentos uma enorme quantidade de membros tanto dentre os anglicanos quanto entre os metodistas.

A despeito das contínuas tensões e problemas em toda a conexão, as sociedades metodistas inglesas conseguiam se espalhar e crescer. O número de membros, relatado em 1781, de 44.461, mostrava um crescimento de 631 membros sobre o ano anterior. Havia 178 pregadores, um para cada 250 membros, uma boa média constante,

desde 1767. O número de circuitos [território geográfico] havia quase dobrado para sessenta e três, mas apenas cerca de uma dúzia tinha mais de mil membros (HEITZENRATER, 1996, p. 276)

A todas essas questões e dificuldades que acompanharam o desenvolvimento do movimento metodista, deve ser acrescida ainda a problemática que surgia com a nova igreja estabelecida na América, com a falta de pregadores nomeados por John Wesley ao final da guerra da independência, gerando, em consequência, um dos conflitos mais sérios entre os líderes do metodismo e muito em especial entre os irmãos Wesley, no tema da **ordenação** de pregadores para atuarem no novo mundo.

Na carta escrita aos “nossos irmãos da América” (10/set./1784), John Wesley assinala que a independência dos Estados Unidos exige a tomada de decisões relativas à questão religiosa. Por conta da nova situação, tinha abandonado alguns escrúpulos, ordenado pastores e enviado alguns deles aos Estados Unidos. Estava convencido que tanto o bispo quanto o presbítero são partes de uma só ordem, com os mesmos direitos no tocante à ordenação pastoral (...) salienta que, se alguém lhe mostrasse uma forma mais racional e bíblica para alimentar e guiar as pobres ovelhas da América, ele as adotaria com muito gosto (BARBOSA, 2002, p. 263).

Quando reunimos as imensas dificuldades enfrentadas por John Wesley à medida da evolução e crescimento do chamado movimento metodista de renovação do século XVIII, lembramo-nos, para ficar apenas no cristianismo, das controvérsias, oposição, descrença, falta de fidelidade, falta de recursos humanos e materiais que também enfrentou o próprio Jesus Cristo diante dos líderes judeus durante seu ministério terreno, além da perseguição, prisão, tortura e morte pelo seu próprio povo. Lembramo-nos da mesma forma dos discípulos de Jesus na implantação da igreja descrita no livro de Atos e especialmente do apóstolo Paulo que terminou seus dias encarcerado. Devemos incluir aqui as tremendas dificuldades de Martinho Lutero ao tentar, da mesma forma que John Wesley, renovar a igreja estabelecida, cada um a sua época e maneira.

Concluimos que, se não fora a convicção e obstinação de cada um desses reformadores apaixonados que citamos acima, não teríamos recebido a maravilhosa herança do Cristo ressurreto da maneira como temos hoje. As facilidades e a plena liberdade que temos atualmente para testemunhar a graça e servir ao próximo deveriam ser encaradas como privilégio e fardo leve no cumprimento das ordenanças

bíblicas, servindo de consolo e inspiração no desempenho de nossas tarefas.

2 O metodismo na América do Norte

Apenas para rememorar alguns fatos significativos do início formal da igreja metodista em solo americano e situar cronologicamente a construção da igreja no novo mundo, citamos o professor José Carlos Barbosa em seu livro *Adoro a Sabedoria de Deus*:

Na fria manhã de 24 de dezembro de 1784 ocorreu a primeira sessão da Conferência de Natal, que deu origem à Igreja Metodista Episcopal, nos Estados Unidos. Na capela de Lovely Lane, em Baltimore, um grupo de 60 pastores participou da histórica reunião, que durou quase duas semanas.

O propósito de John Wesley nunca foi criar uma igreja independente. Sua grande luta na Inglaterra sempre foi no sentido de acalmar os ânimos daqueles que desejavam a separação[...]. É provável que a ordenação de Coke (Tomas Coke) para supervisionar o metodismo nos Estados Unidos tenha sido a mais difícil decisão tomada por John Wesley[...]. A recém-criada Igreja Metodista Episcopal, embora tivesse todos os requisitos legais de uma igreja autônoma, ainda permanecia uma igreja essencialmente wesleyana. Sua base doutrinária continuou fundamentada nos mesmos princípios britânicos e respeitando a autoridade de John Wesley. A novidade estava em algumas características importantes da liberdade americana, que iria contribuir para imprimir o perfil de uma nova denominação (BARBOSA, 2002, p. 371,372).

Antes de analisarmos a aplicação da prática dos grupos pequenos na igreja metodista brasileira, é importante lembrar que a evangelização em nossas terras não foi recebida diretamente do movimento metodista inglês, mas através da expansão do serviço missionário oriundo dos Estados Unidos da América. Assim, não pode deixar de ser comentada a transição e alterações na organização da igreja americana em relação ao movimento original de John Wesley e sua posterior influência na Igreja Metodista no Brasil.

O bispo Paulo Ayres Mattos (2002, p.,159-160), em seu trabalho intitulado “Wesley e os encontros de pequenos grupos”, observa que o movimento metodista, nascido no contexto urbano-industrial inglês e desenvolvido sob forte liderança de pregadores leigos, no Novo Mundo, em 1784 deixou de ser sociedade religiosa dentro de um contexto eclesial maior (*ecclesiola in ecclesia*) para ser uma igreja-instituição –

inserida no contexto rural e agrícola dos Estados Unidos da América – definindo-se, desde seu início, dentro do contexto denominacional norte-americano como igreja-livre e de associação voluntária, se constituiu como uma nova denominação (sem necessidade de reforma), numa nova nação, território a ser conquistado e convertido ao cristianismo, portanto em condições muito distintas daquelas verificadas na Inglaterra em fase pré-industrial de John Wesley.

Ainda que o termo “sociedade” fosse formalmente trocado nas disciplinas por “igreja” apenas no início do século XIX, as práticas religiosas tiveram um período de transição do modelo inglês para a nova igreja americana. As classes metodistas inglesas foram lentamente deixando de ser obrigatórias e por volta do ano de 1850 foram sendo substituídas tanto pela participação no culto quanto pelas classes da Escola Dominical. A Escola atendia inicialmente apenas as crianças e mais tarde foram estendidas a todas as faixas etárias, com o surgimento de Revistas específicas para a Escola Dominical, disseminando-se a novidade para todo o continente.

O professor Renders (2002, p. 75) relata a criação das Federações no final do século XIX para atender à demanda do laicato de organização e participação dos grupos masculinos e femininos, bem como por idade, cujo nome a nível local passa a ser “sociedade”.

Se comparada com as rigorosas regras adotadas pelos irmãos Wesley para a recepção de novos membros no seio das sociedades metodistas inglesas, verificamos que a Igreja recém constituída no território americano, foi muito mais flexível com as pessoas que iam se ajuntando aos metodistas, deixando de se exigir a profissão de fé, sendo também abandonada a idéia da membresia probatória, elaborando-se uma liturgia específica para a celebração da recepção e batismo dessas pessoas.

Nem mesmo o metodismo original manteve por muito tempo os grupos que estamos analisando, da forma como se iniciaram. Segundo o professor Renders (RENDERS, 2002, p. 73), os *bands* foram desativados aproximadamente no ano de 1780 e nem mesmo chegaram a serem aplicadas às terras norte-americanas. Na Inglaterra, as classes perderam força na virada do século XIX para o século XX.

Aparentemente poderíamos deixar aqui os relatos do ocaso das classes metodistas em território americano e sua substituição pelas reuniões de ensino bíblico das Escolas Dominicais e em parte pelos cultos, como conseqüências da nova situação da Igreja no novo mundo e das características de colonização das comunidades que a

frequentavam. No entanto, um aspecto que não pode ser subestimado é a enorme diferença de conceito e prática verificada entre as classes inglesas e a Escola Dominical americana. Com essa “substituição” ganhou-se sem dúvida alguma no aprofundamento do ensino religioso, com lições organizadas em publicações especialmente desenvolvidas para a formação cristã da comunidade. No entanto, as classes metodistas inglesas tinham uma prática de convivência, de relacionamento pessoal, de troca de experiências, de responsabilidade mútua não só do líder do grupo, mas também entre os membros dessa classe, além do apoio material e principalmente da visitação periódica e regular do líder para sua membresia. Isto quer dizer que, enquanto a Escola Dominical significava uma possibilidade de ascensão social através do conhecimento, a classe de John Wesley favorecia os mais humildes aos acolhê-los e incluí-los num grupo de fraternidade e convivência espiritual.

A partir das experiências do metodismo episcopal americano fomos alcançados por seu espírito missionário formando assim o modelo eclesiológico da Igreja Metodista em nosso país.

3 O metodismo no Brasil

“Justin Spaulding é o primeiro missionário metodista a atuar efetivamente no Brasil, fruto do trabalho de reconhecimento realizado anteriormente por F. E. Pitts. Partindo de Nova Iorque, J. Spaulding e sua família chegaram ao Rio em 29 de abril de 1836” (BARBOSA, 2005, p. 13).

Foi ele quem organizou a primeira escola dominical metodista no Brasil em maio de 1836.

Aos domingos, às 16:30 horas, mais de quarenta crianças e jovens, em oito classes dirigidas por quatro professores e quatro professoras, sendo duas dessas classes formadas por negros, uma falando inglês e outra português, reuniam-se para estudar a Palavra de Deus [...] Além dos cultos realizados aos domingos e no meio de semana, só que este para um público bem reduzido, J. Spaulding também organizou uma pequena classe, atendendo a uma prática muito comum no seio metodista. Diz ele que seis pessoas participavam desta classe, que se reunia em sua residência toda terça-feira à tarde. (BARBOSA, 2005, p. 13-14).

Esse é o único registro que encontramos sobre a experiência de pequenos grupos wesleyanos no movimento metodista no Brasil, sendo que outras menções publicadas do termo “classes” parece-nos que se referem especificamente às atividades da escola dominical.

O bispo Paulo Ayres Mattos (2002, p. 162) destaca que, na verdade, o metodismo brasileiro deu grande ênfase na obra de santificação interior em termos intimistas, emocionalistas e individualistas, próprios do movimento de santidade norte-americano e a obra missionária metodista no Brasil foi incapaz de inculturar-se num solo religioso e cultural diferente de seu país de origem. Os grupos pequenos sofreram concorrência das reuniões de oração das terças-feiras, pelas classes da escola dominical e pelos grupos societários, sem relação teológico-pastoral com as classes metodistas enquanto meios prudenciais de graça, que foram inicialmente bem sucedidas em seus objetivos durante quase cem anos do metodismo no Brasil.

Na década de 1960, assistimos ao auge tanto da escola dominical quanto dos grupos societários, porém ambas enfrentaram crises em seu funcionamento e experimentaram perdas em quantidade e influência nas igrejas locais.

Nos dias de hoje, em função da prioridade que tem sido dada ao ensino pelas entidades de governo metodista regional e nacional, a escola dominical não só tem conseguido sobreviver, mas até assumir importante papel no ensino religioso da maioria das igrejas locais, muito embora constatem com pesar que existam muitas igrejas em que elas funcionem precariamente ou até mesmo deixaram de existir. As federações, após grave crise existencial, com algumas lideranças questionando sua continuidade e importância, em função da reestruturação da igreja no programa de dons e ministérios, sofreram um processo de revitalização e reacomodação na forma de atuação, mostrando que podem ter seu espaço contribuir para o projeto missionário e assim continuam a ocupar seu lugar como reduto leigo de atuação, algumas mais atuantes que outras, dependendo também em que região eclesiástica se encontre.

Nos últimos anos vem crescendo as propostas de se recriar pequenos grupos cristãos, agora denominados “grupos de discipulado” desvinculados das classes de Escola Dominical, dos grupos societários e dos cultos regulares das igrejas, de alguma forma semelhantes às classes do metodismo inicial wesleyano.

O propósito desses grupos de discipulado em algumas igrejas tem sido aprofundar estudos bíblicos, doutrinas e práticas metodistas dentre os membros da

igreja, com ênfase no ensino para o fortalecimento da fé e serviço cristão entre aqueles que já estão arrolados nessa igreja. Em outras regiões, o objetivo é evangelístico, para atender pessoas interessadas na fé e visa o crescimento numérico da comunidade de fé. Avivamento espiritual é outro propósito desses grupos de discipulados. Por último, também encontramos grupos que pretendem desenvolver a comunhão na fé e fortalecer relacionamentos dentre os membros de uma determinada área geográfica dessa igreja.

Para fins de contextualização, até alcançarmos os dias atuais, relembremos os momentos significativos da Igreja Metodista no Brasil conforme a publicação Caminhos do Metodismo no Brasil, do Centro de Estudos Wesleyanos da Fateo, editado em 2005 :

- Em 1930 – ano da autonomia do metodismo brasileiro da Igreja Metodista Episcopal do Sul dos EUA e realização do primeiro Concílio Geral.
- Em 1974, é aprovado o Plano Quadrienal, criadas as Regiões Missionárias.
- Em 1982, no XIII Concílio Geral é aprovado o Plano Para a Vida e a Missão da Igreja Metodista – PVMI.
- Em 1987, é instituído o Programa “Dons e Ministérios”
- Em 1991, o XV Concílio Geral aprova o tema ministerial vigente até o momento: “Igreja – comunidade missionária a serviço do povo”.

Em termos de quantidade, lembramos aqueles 40 alunos citados no relatório de Justin Spaulding no ano de 1836, passamos pelos 15.000 metodistas arrolados no ano da autonomia em 1930 e chegamos ao número de 156.000 membros arrolados em 2002 (SOUZA, 2005, p. 53), isto é, ainda que não seja uma das maiores denominações cristãs em nosso país, não há como negar o quanto já foi realizado em termos de evangelismo, mesmo analisando até aqui tão somente a questão numérica de membros afiliados.

É importante lembrar que exatamente neste momento em que nos encontramos, estamos todos sob a orientação eclesiástica superior, aprovada e aceita pelo povo chamado metodista de ser uma igreja missionária, não ao nosso serviço pessoal, mas comissionados por Deus para servir a seus filhos e filhas, testemunhando a graça, espalhando a fé, de acordo com a vocação e os dons recebidos, tanto os bispos e a bispa, presbítero(a)s, pastore(a)s, diácono(a)s, evangelistas, professore(a)s

leigo(a)s, enfim toda a comunidade, unidos nos respectivos ministérios estruturados pela Igreja Metodista no Brasil.

A seguir, analisaremos o programa da Igreja de dons e ministérios adotados pela Igreja Metodista no Brasil a partir de 1987, suas aproximações ao modelo wesleyano, o equilíbrio entre fé e serviço e ampliação do espaço eclesial.

CAPÍTULO 3

A ABORDAGEM DE DONS E MINISTÉRIOS

1 Os compromissos

A abordagem de dons e ministérios necessariamente deve passar pela fidelidade à missão. A consciência da tarefa evangelística é marca do espírito metodista desde seus primórdios e não poderia ser diferente. O compromisso com a missão impõe em amor, constrange ao compromisso com o povo. Sentir a necessidade do povo, permitir que a necessidade do povo atinja nossos sentidos e nos traga à consciência tudo aquilo que Deus tem amorosamente colocado ao nosso dispor, através do Espírito Santo.

A Palavra nos ensina que somente amamos porque Ele nos amou primeiro (1Jo 4.9) e este amor nos constrange a agir; capacitados pelo Espírito, percebemos nossos dons. Podemos observar a expansão missionária da comunidade primitiva em meio à realização de sua vocação missionária. Jesus claramente determinou que os discípulos aguardassem até que do alto fossem revestidos de poder (Lc 24.49). O poder era e sempre será necessário para o exercício dos ministérios. Os dons claramente representam e evidenciam o revestimento da promessa representada pelo Espírito Santo, para o cumprimento claro da missão.

O exercício da missão através dos dons e ministérios exige um compromisso com a Unidade. No documento em que expunham sua visão de uma igreja organizada

em dons e ministérios, assim o Colégio Episcopal descrevia seu entendimento da importância da unidade nesta abordagem.

O Colégio Episcopal aguarda, de todos nós, aquela visão evangelística, este franqueamento ao poder do Espírito divino a fim de que toda Igreja Metodista com um verdadeiro sinal do Reino de Deus proclame, fielmente: “Em Jesus Cristo somos um”.

Dentro deste contexto, reafirmamos o nosso compromisso como colegiado naquilo que prescrevem os cânones da Igreja Metodista: [...] “assegurando o pleno cumprimento da Missão e preservando a UNIDADE DA IGREJA (IGREJA METODISTA, 1991, p. 20, grifo do autor).

O Colégio Episcopal afirmava seu entendimento de que sem um compromisso com a unidade, os propósitos de uma Igreja Ministerial não teriam uma base a partir da qual se desenvolver. Esta declaração parece ainda mais fiel hoje e com o passar do tempo. Em uma sociedade cada vez mais globalizada, a unidade da igreja cristã parece ser um valor cada vez mais negociável, seja por conceitos dos mais mesquinhos e injustificáveis seja por valores aparentemente nobres, como a própria expansão missionária.

O próprio Senhor declarou e orou por nós e por toda a sua Igreja, indicando que a nossa unidade seria nosso próprio testemunho de que Ele é um Filho unigênito enviado pelo Pai Celestial (Jo 17.21). Cristo declarou seu compromisso com a unidade. Seguir a Cristo e cumprir com a missão do evangelho necessariamente demanda de nós como Igreja este mesmo compromisso, não pela nossa força, mas revestidos do poder da promessa do Pai.

O evangelho também transmite à missão um compromisso inegociável com a esperança. Não é possível imaginar o evangelho de Cristo e a sua mensagem, dissociados da esperança. Desde o testemunho de fé do patriarca Abraão, até o testemunho dos anjos durante a gloriosa ascensão do Mestre, temos na esperança um vetor de direcionamento de nossas ações individuais e como povo de Deus.

A esperança é um dos testemunhos mais claros de fé e uma das mais preciosas formas de demonstrar Deus às pessoas que ainda não O conhecem. O serviço ministerial é desmotivado quando não há esperança, a comunidade e o serviço são ameaçados quando falta à missão o vigor da esperança, da visão que pela fé podemos ter e exercer perante os que andam como ovelhas que não tem pastor.

Uma comunidade missionária ministerial necessariamente precisa ter e renovar constantemente seu compromisso com a esperança, testemunhando o ardor de sua fé olhando para o futuro com os olhos do Pai, através da capacitação do amor que recebemos.

2 Motivações

Temos consciência de que a Igreja de cargos, tal como vinha acontecendo até o último Concílio Geral, chegara à sua esterilidade ou melhor, os cargos haviam se tornado estéreis. Não que a Igreja em si o fosse, ou o seja. Não!! (IGREJA METODISTA, 1991, p. 25)

Assim, o Bispo Isac Alberto Rodrigues Aço iniciava um texto intitulado “Mudança de uma Igreja centralizadora para uma Igreja participativa”. A Igreja de cargos era descrita como uma estratégia que definitivamente não mais atendia aos anseios do metodismo no Brasil.

A palavra chave parecia ser Igreja Participativa. Entretanto, era necessário seguir além do sentido do termo. A argumentação do Colégio Episcopal tomava como exemplo o viver e a liderança exercida pelos próprios Apóstolos, quando abriram mão da concentração do cargo, por entenderem que a missão, o serviço ao povo de Deus seria mais bem desempenhado pela instrumentalidade dos diáconos através do seu ministério específico.

O apóstolo Paulo afirma que os dons foram distribuídos com vistas ao aperfeiçoamento dos santos para o desempenho do seu serviço, para a edificação do corpo de Cristo (Ef 4.12). Ora, se cremos que os dons foram distribuídos com esta motivação, a conclusão parece clara de que o propósito era permitir a participação da comunidade como corpo.

Uma Igreja participativa necessariamente deveria e deve confrontar práticas centralizadoras, permitindo que a própria missão dê forma aos ministérios que emergirão segundo o agir soberano do Espírito Santo. É crucial observar que os apóstolos não se reuniram previamente para analisar uma oportunidade de melhoria e chegaram à conclusão de que em breve necessitariam do ministério dos diáconos.

A missão, o serviço ao povo conformou a disposição de servir, o ministério latente de homens e mulheres que receberam de Deus dons e capacitação para o serviço que se apresentava. A participação ativa no servir era então compartilhada

com outras pessoas além do círculo dos apóstolos e a consequência muito bem poderia ser resumida pela edificação do Corpo de Cristo, edificação em um sentido amplo, de construção em seus mais diversos aspectos, desde a base, os alicerces, a forma final e o acabamento caprichoso, delicado, perfeito e belo.

A Igreja primitiva ensinava o modelo participativo através do serviço dos diáconos.

A Igreja centralizadora não é aquela que tem um ministério claro de coordenação ou presidência exercida pelos pastores ou bispos, embora este risco e tentação estejam presentes sempre que se exerce algum tipo de autoridade ou poder; **Igreja centralizadora é aquela que se esgota em si mesma e perde a missão** (IGREJA METODISTA, 1991, p. 26, grifo do autor).

Interessante observarmos que o serviço dos diáconos estava sendo cobrado dos apóstolos. A queixa era de que havia um serviço, um servir a ser cumprido. O reconhecimento, o credenciamento era somente dos apóstolos e, portanto a visão era de que eles deveriam atender também a este chamado. Assim como na igreja primitiva o problema não era a existência da figura do apóstolo, na Igreja Metodista o problema não eram os cargos, mas a eventual centralização que impedia o desempenho do serviço dos santos para a edificação do corpo de Cristo.

A tentação de centralizar certamente não é privilégio ou risco apenas dos líderes reconhecidos, sejam eles bispos, pastores ou tenham ainda outra descrição. Certamente, os leigos também serão objeto deste risco. Entretanto, com a diversificação das oportunidades e dos que são chamados a servir certamente a possibilidade da centralização e do autoritarismo é diluída na participação do povo para o seu próprio crescimento.

Também é muito significativo observarmos que os dons que permitiram aos diáconos exercerem seu ministério não se esgotavam em si mesmos. O exercício dos dons ia além mesmo da execução da tarefa, assim como a capacitação era observada muito além da habilidade natural. A tarefa de distribuição do que era necessário era importante, mas até mesmo em seu executar a igreja era ensinada pelo exemplo, o testemunho era presente, o amor podia ser sentido e tocado e o corpo de Cristo era edificado.

A necessidade do corpo está intimamente ligada ao conceito da Missão. Ainda que fossem homens escolhidos e consagrados pelo próprio Senhor da seara, os

apóstolos não parecem ter percebido a necessidade do corpo. Foi necessário que o corpo se manifestasse, declarasse sua necessidade. Neste ponto, a sabedoria e o discernimento dos apóstolos se manifestaram e permitiram que eles percebessem o quão precioso seria que outros tivessem a oportunidade de servir, o quanto isto seria importante não somente no atendimento das necessidades do próprio corpo, mas no ensino e no testemunhar do serviço, descentralizando e permitindo a participação.

Uma Igreja não centralizadora é aquela onde as formas de ser igreja não se limitam às estruturas consagradas por uma mentalidade e teologia eclesiocêntrica e templocêntrica onde o sagrado está no local e não na vida, no sábado e não nas pessoas. Ao contrário, uma Igreja participativa de ministérios está na escola, na creche, na fábrica, na rua, no campo, na família, nos sem-família. É **uma igreja-em-serviço** não uma igreja-para-si (IGREJA METODISTA, 1991, p. 29, grifo do autor).

Nosso entendimento é de que a igreja metodista percebeu que a abordagem de dons e ministérios, apesar de não representar uma garantia de que os rumos automaticamente se alinhariam em direção a uma igreja participativa, permitia que novos sonhos fossem sonhados, a intenção fosse demonstrada e mais uma vez a distribuição dos dons fosse utilizada no aperfeiçoamento dos santos para o desempenho do seu serviço, para a edificação do corpo de Cristo. As estratégias não eram necessariamente novas, mas restauradoras e redefiniam as motivações. Abrir-se-iam novos espaços e oportunidades de serviço e de amor.

3 Estratégias e instrumentalização

É fácil perceber que este manual não é uma teoria de escritório. É o resultado de uma enorme experiência acumulada por um grande grupo que tem caminhado ou tentado caminhar como AGENTES DA MISSÃO ¹. Ele não foi escrito para ser repetido mecanicamente. Ele foi escrito para ser sugestão, para apontar caminhos de possibilidades. Como ele é o visível resultado do sopro do Espírito sobre a Igreja, é fundamental que haja liberdade e criatividade para que o Espírito continue a agir e a revivificar nossa fé, nosso amor e nossa esperança.

¹ O programa Agentes da Missão foi fruto de um movimento surgido em 1985 na Quinta Região Eclesiástica. O programa foi criado no Concílio Regional da Quinta Região Eclesiástica de dezembro de 1984, que aprovou a proposta dos Secretários de Áreas de Missão e do Conselho Regional sobre sua implantação. Um entendimento comum é de que este movimento foi uma das maiores inspirações para a Igreja Ministerial declarada no Concílio Geral de 1987.

Ele é oferecido à Igreja na esperança de que abra caminhos nas comunidades que ainda cultivam alguma fé (COORDENADORES DOS MINISTÉRIOS 5ª. RE, contracapa).²

O programa Agentes da Missão foi uma das formas que a Igreja como instituição encontrou para ajudar no entendimento do que seria a verdadeira motivação, o espírito da abordagem de dons e ministérios. Como o manual descreve, logo no início da implementação da abordagem de dons e ministérios, houve em diversas igrejas locais e comunidades o entendimento de que tudo se limitaria a uma troca entre a nomenclatura das antigas comissões para os novos ministérios. Obviamente este não era nem de longe o objetivo da Igreja.

Um dos pilares do programa Agentes da Missão foi o ministério do leigo. Tratava-se claramente de uma estratégia que permitiria visitar e voltar às origens do movimento metodista, originalmente organizado com base na ação dos leigos. Com o tempo, nossas igrejas locais passaram a gravitar ao redor do pastor ou da pastora. Todas as outras iniciativas eram então consideradas auxiliares e necessariamente correlacionadas ao ministério pastoral.

O ministério leigo deveria ser considerado exatamente o que ele era, um dom do Espírito, a expressão visível da ação e capacitação do Espírito Santo sobre os agentes da Igreja de Cristo espalhada sobre a terra.

O próprio Senhor declarou que não nos deixaria sozinhos, mas enviaria o consolador. Uma vez capacitados pelo derramar do poder do Espírito, poderíamos exercer nosso ministério, sempre com foco no ministério do próprio Senhor Jesus Cristo. Não há como desejar ministrar se o exemplo não for o ministério do Filho. Não é possível esperar que as consequências e resultados sejam semelhantes aos do Mestre se o molde, o modelo essencial não fosse exatamente o do Bom Mestre.

Este é possivelmente um dos pontos mais importantes do serviço cristão e certamente era ênfase do programa agentes da missão. A verdadeira evangelização é uma comunicação de amor. Jesus não foi autoritário quando evangelizava. Ele trazia possibilidades concretas de vida, procurava ouvir-lhes e descobrir suas necessidades.

² COORDENADORES DOS MINISTÉRIOS 5ª RE. *Manual Missionário do Povo Metodista*, Editora Agentes da Missão. No documento original consultado não há registro do ano nem local de sua edição.

A abordagem de dons e ministérios tinha ênfase missionária e o programa dos agentes da missão ressaltava isto.

O programa AGENTES DA MISSÃO acontece, sobretudo, quando se organiza uma ação de amor fora do templo. E fora do templo quer dizer fora dos limites dos crentes. Visitar um enfermo membro da Igreja sempre continuará sendo um importante e indispensável ato de solidariedade. Mas no contexto do nosso programa não se trata de uma ação típica dos AGENTES DA MISSÃO. De igual modo a música de nossos corais ou as atividades de rotina de nossas Juntas de Ecônomos ou mesmo nossos estudos de Escola Dominical raramente podem ser caracterizados como atividade missionária por se destinarem aos próprios membros da igreja. A grande questão que temos ouvido nestes três anos em nossas comunidades metodistas tem sido “estamos preparados para sairmos do templo?” (COORDENADORES DOS MINISTÉRIOS 5ª. RE, p. 16).

A grande verdade então voltou a ser de que “pelos frutos os conhecereis”.

O programa Agentes da Missão baseava-se em 14 pontos que apresentavam suas linhas gerais e que julgamos importante transcrever:

1. Todas as leigas e leigos e cada leiga e leigo é chamado a exercer um ministério, ao lado do ministério pastoral.
2. O Ministério do leigo é uma manifestação do Espírito Santo atuando sobre nossas qualidades e talentos. Por isso este ministério é voluntário e livremente decidido, não podendo ser imposto.
3. O modelo desse ministério é a vida e ensino de Jesus Cristo, sobretudo sua lição fundamental do lava-pés. Nosso ministério deve ser um serviço prestado de “baixo-para-cima”, criando oportunidades de vida a quem servimos com amor.
4. A tarefa de evangelização dos ministérios não pode ser autoritária, mas expressão de um genuíno amor. Por isso essa evangelização deve começar com o ato de ouvir e de conhecer as necessidades e esperança de quem formos servir, evangelizando.
5. Tomando Jesus como modelo de nosso ministério, não adotaremos o estilo da evangelização tradicional que se contenta apenas em ganhar almas para Cristo, na base de um testemunho de discurso. Antes programaremos ações concretas de amor e serviço, procurando construir o Reino de Deus nas realidades mais diversas da vida humana.
6. Este ministério deve ser a experiência de que todas as nossas ações e todas as estruturas com as quais lidamos devem estar a serviço da missão.

7. O ministério da leiga e do leigo embora seja resposta pessoal à ação do Espírito será exercido em grupo, junto com outros ministros que exerçam o mesmo ministério que nós e integradamente com outros ministérios, à semelhança do funcionamento coletivo e harmonioso do corpo.
8. A Palavra de Deus é a fonte e o ponto de partida de todos os ministérios. É a Palavra que dá a luz e direção para nossos ministérios.
9. Acontece o Agentes da Missão quando organizamos ações de amor nas mais diferentes situações fora do templo, isto é para alcançarmos e servirmos pessoas não crentes.
10. Os Agentes da Missão aprendem a fazer missão enquanto estão à caminho. E descobrem o caminho a percorrer enquanto caminham, pois a missão se aprende fazendo. É só enquanto se caminha que se pode perceber a Palavra de Deus como lâmpada para os pés e luz para a vida.
11. Os Agentes da Missão aprendem que é pelos frutos que se conhece se a árvore é boa ou má. O critério para medirmos a verdade à qual chegamos são os resultados, os frutos.
12. Os Agentes da Missão estão comprometidos com o crescimento quantitativo da Igreja, embora saibam que é o Senhor que acrescentará, naturalmente, aqueles que vão sendo salvos.
13. Os Agentes da Missão descobriram que quanto mais realizam obras de misericórdia a serviço dos outros, mais têm necessidade de se dedicar a atos de piedade. Eles enfatizam firmemente que as boas obras e a piedade pessoal e comunitária são imperativos do Espírito Santo.
14. Os Agentes da Missão necessitam de expressar seu novo compromisso com uma piedade profunda que, ao mesmo tempo, é celebração e alimento. O novo compromisso exige, ao lado das práticas litúrgicas tradicionais, um novo estilo de oração, novas canções e novo culto (COORDENADORES DOS MINISTÉRIOS 5ª. RE, p. 21).

O programa Agentes da Missão tinha um caráter litúrgico-pedagógico e gerava uma iniciativa missionária baseada na dimensão do serviço. Um dos símbolos mais utilizados tanto no programa quanto nas iniciativas missionárias da época era o lava-pés.

O programa Agentes da Missão pode então ser considerado um projeto de revitalização para as igrejas, especialmente na Quinta Região Eclesiástica. É possível avaliar que uma das mais interessantes consequências tenha sido a verdadeira reversão de um clima de desânimo missionário naquela região gerando interessante motivação nas iniciativas missionárias.

4 O crescimento através do serviço

Dons e ministérios são instrumentos a serviço do povo de Deus, a serviço da missão. Como tudo que vem de Deus, seu sentido é completo e não cabe em uma simples definição e entendimento. Além de serem instrumentos de serviço, os dons manifestam-se e instrumentalizam o próprio servo.

Ainda mais, o crescimento extrapola o conceito do servo, e passa seu significado à comunidade. Este crescer não se limita ao número, mas o relato bíblico é claro e mostra que até mesmo neste aspecto o crescimento é demonstrado, pois eram acrescentados os que iam sendo salvos (At 2.47).

Assim como o manejo da ferramenta caleja a mão do que trabalha nos locais certos, com vista à atividade a ser desempenhada, a repetição e a experiência renovada olhando para o agir do Soberano Mestre ensinam e adequam a utilização das ferramentas.

O serviço através dos dons e ministérios faz renascer no homem e na mulher a alegria do servir, a alegria da consequência, do resultado do servir na vida do outro como consequência do seu próprio viver.

Os setenta discípulos voltaram possuídos de alegria pelo resultado de seu serviço à Cristo (Lc 10.1-12 e 17-20). A disciplina do servir é claramente alimentada pela alegria, pelos sentimentos de amor e sincero prazer em ver a graça de Deus manifestada no mundo. Muito penoso seria viver em uma disciplina desmotivada, agindo pela noção do dever sem o sentimento de alegria que gera no ser o desejo de que vez após vez, a graça de Deus seja sentida, visto que de uma vez completa se manifestou em seu próprio Filho.

Sim, que maior alegria pode haver do que nos vemos como instrumentos para trazer vida, amor, salvação e alegria a famílias e bairros? Mas Jesus disse que, na verdade, a maior alegria é, antes de tudo, ter o nome escrito no céu, pois só poderemos oferecer o amor de Deus, a alegria do serviço, se este é, primeiramente, uma experiência concreta nossa (COLÉGIO EPISCOPAL DA IGREJA METODISTA, 2005, p. 16).

Nosso bom Deus, em sua misericórdia nos conhece por inteiro, em todas nossas limitações e necessidades. Assim é que Deus nos permite sentir a alegria do serviço, sentir o agir do próprio Deus do universo através de nossas vidas tão dependentes. O crescimento é também pela percepção deste amor, deste reconhecimento, deste credenciamento para agir em Seu nome. Sabemos pela Palavra

que os próprios anjos gostariam de realizar a missão, mas Deus a confiou a nós. A alegria de servir é necessariamente incomensurável e é agente transformador que pode ser observado no crescimento dos servos e também da própria igreja.

O serviço através dos dons e ministérios capacita, molda, traz crescimento.

Dons e Ministérios visa o crescimento: crescimento à luz da verdade e do amor; crescimento em todos os aspectos, sentidos e direções. Somente assim, o Corpo de Cristo será plenamente edificado; crescimento de Cristo em nós, tornando-nos plenos nEle; nosso crescimento nEle como pessoas e Corpo; crescimento uns com os outros e o crescimento de Sua presença e participação no mundo e na sociedade (história) (IGREJA METODISTA, 1991, p. 39).

Ao abraçar os Dons e Ministérios, a Igreja aceitava não somente o desafio de perceber a necessidade do serviço participativo, mas o do comprometimento. Não mais ouvinte ou recebedor das ministrações, mas ministrador através de seus próprios dons. Este era o chamado trazido à tona pelo serviço dos diáconos na Igreja primitiva. Este era o chamado dos primeiros homens e mulheres do movimento metodista. Este era o chamado do Colégio Episcopal no início dos anos 90 do século XX.

O entendimento da Igreja era de que, além do crescimento pelo serviço, uma igreja ministerial necessariamente abriria espaços ministeriais que não se apresentavam claramente para a missão. O próprio mover do corpo em direção ao serviço abriria o espaço que seria necessário para o crescimento. Assim como na ilustração do osso que cresce, os espaços que o próprio servir proporcionava eram preenchidos e o corpo cresceria.

Este continua sendo o chamado de Deus para seu povo hoje. O crescimento, a maturidade certamente virá com o serviço, e podemos crer que o Senhor da seara está atento e sobejamente entrega nas mãos dos que servem cada um dos recursos e estratégias que serão necessárias ao caminhar.

De uma forma simples e incisiva o Senhor ensinou e determinou que os discípulos não levassem bolsa, nem alforje, nem sandália (Lc 10.4); ensinou também que o cuidado pela missão não estava entregue ao acaso, estava nas mãos do Deus que a tudo criou. Assim como os recursos materiais, cada um dos dons e a capacitação serão entregues aos que atendem ao chamado da missão e se conformam à necessidade do povo através da instrumentalização dos dons recebidos.

No capítulo a seguir, ampliaremos o estudo dos grupos pequenos e de discipulado para além das fronteiras da Igreja Metodista, observando diferentes abordagens, seus usos e contextos no meio evangélico brasileiro.

CAPÍTULO 4

OS ATUAIS GRUPOS DE DISCIPULADO NA IGREJA EVANGÉLICA BRASILEIRA E OS DESAFIOS SEGUNDO A ABORDAGEM DE DONS E MINISTÉRIOS

1 Contexto atual e análise de experiências

Entendemos que certamente há diversas iniciativas de discipulado na igreja evangélica brasileira, inclusive com foco na utilização de pequenos grupos. Entretanto, pelo escopo deste trabalho e pela observação da realidade atual no Distrito Federal, onde vivemos e nos congregamos, decidimos por trazer o foco da análise para as iniciativas popularmente conhecidas por G12. Estas têm certamente sido as maiores iniciativas em nossa região de atuação.

Uma significativa parcela das estratégias de discipulado em células atualmente presentes na igreja evangélica brasileira, em especial na região Centro Oeste do Brasil, têm sua raiz no trabalho desenvolvido pelo Pr. Cezar Castellanos na Colômbia. Ele por sua vez indica que tomou da experiência do Dr. David Y. Cho praticamente todos os fundamentos de seu próprio trabalho (IGREJA METODISTA, 2004). O crescimento exponencial encontrou forte apelo no meio evangélico, em especial em comunidades mais recentes, onde a questão histórica e da tradição não têm um peso tão direto nas decisões de planejamento e organização da atuação. Não que isto

indique uma desorganização, pois a estratégia necessariamente depende de um modelo maduro e bem organizado de tarefas e atribuições.

Os quatro pilares de organização da proposta são: Células (evangelizando), Encontros (consolidando), Escola de Líderes (treinando) e Grupo de Doze (enviando). A estratégia depende necessariamente de um modelo que permite o crescimento em estilo de marketing de rede. Os treinandos migram de estado e necessariamente absorvem tarefas de treinadores, vez após vez.

Talvez um dos pontos mais agudos da proposta é o fato de que inequivocamente as pessoas passam do estágio de ouvintes para mestres em um tempo muito reduzido se comparado ao processo típico de amadurecimento em igrejas que tradicionalmente tem suas estratégias de evangelização baseadas na prédica do púlpito ou em estudos, sempre dependendo de uma centralização na liderança do(a) ministro(a) consagrado(a).

Possivelmente a proposta do discipulado em células tenha atingido um desejo antigo e sincero de ver cada membro das igrejas assumir sua própria responsabilidade sobre seu testemunhar e servir, de forma ativa e vibrante.

Na prática, nem tudo são flores. Tem sido possível observar distorções graves, que passam por divisões e ensino despreparado, sujeito a toda sorte de doutrinas e crenças alheias ao que os pais da igreja bem poderiam chamar de Santa Doutrina. Consideramos que o pilar do “encontro” e a sua interpretação descuidada são oportunidades perigosas de resgatar conceitos já amplamente debatidos e rejeitados no meio cristão, como o do local específico para a comunhão com Deus. O culto no templo, e não em Espírito e em verdade. Pior ainda, a inexperiência dos que ansiosamente esperam pelo “encontro” pode servir de validação para o entendimento de que o encontro depende de uma preparação cumprida e desempenhada pelo outro, que engessa e torna cativa a iniciativa de se achegar a Deus na simplicidade do coração, no recôndito do quarto, em secreto como o próprio Senhor indicou.

Apesar de existirem riscos, nossa opinião é de que certamente há oportunidades e podemos aproveitar boas práticas nas estratégias de discipulado, ainda que sempre seja possível questionar a motivação de seu uso. No próximo capítulo, estudaremos os desafios de criticar, provar e reter o que for bom nas práticas relacionadas aos grupos de discipulado para a Igreja Metodista.

2 O fortalecimento da unidade na diversidade de dons e ministérios

Um dos detalhes mais marcantes do ministério de John Wesley dentro de seu relacionamento com a Igreja Anglicana foi o fato de ele jamais ter se declarado como ministro de qualquer outra igreja. Desde o início do movimento metodista, o propósito foi de trazer avivamento, renovação e santificação aos cristãos que serviam na Igreja Anglicana ou ainda em outros grupos.

No conhecido sermão 75 “Sobre o Cisma”, Wesley prega acerca do valor da unidade e da atitude de pessoas que estariam dispostas a quebrar a unidade da Igreja, ainda que movidas por ideais e valores muitas vezes justificáveis. Para ilustrar este ponto, Wesley argumenta de maneira enfática contra a separação e a falta de unidade e inicialmente elenca situações que se apresentam ou podem apresentar-se como plenamente justificáveis, dizendo:

Mas, talvez, tais pessoas irão dizer: “Nós não fizemos isto de boa vontade; nós fomos constrangidos a nos separarmos da sociedade, porque não podíamos continuar nela, com a consciência limpa; não podíamos continuar sem pecado. Não me foi permitido continuar nela, quebrando um mandamento de Deus”. Se este foi o caso, você não poderia ser culpado da separação daquela sociedade. Suponha, por exemplo, que você fosse um membro da Igreja de Roma, e não pudesse permanecer nela, sem cometer idolatria; sem adorar ídolos, quer imagens de santos ou de anjos; então, seria seu dever sagrado deixar aquela comunidade; separar-se totalmente dela. Suponha que você não possa permanecer na Igreja da Inglaterra, sem fazer alguma coisa que a Palavra de Deus proíbe, ou omitir alguma coisa que a Palavra de Deus positivamente ordena; se este fosse o caso (mas, abençoado seja Deus, não é), você deveria se separar da Igreja da Inglaterra. Eu farei deste o meu caso: eu estou agora, e tenho sido, desde a minha juventude, membro e Ministro da Igreja da Inglaterra. E eu não tenho o desejo, nem o objetivo de me separar dela, até que minha alma se separe do meu corpo. Ainda assim, se não me fosse permitido permanecer nela, sem omitir o que Deus requer que eu faça, tornar-se-ia apropriado e correto, e meu dever sagrado, me separar dela, sem demora. Para ser mais específico: eu sei que Deus me confiou uma dispensação do Evangelho; sim, e minha salvação depende de pregá-lo: “Ai de mim, se eu não pregar o evangelho!”. Então, se eu não pudesse permanecer a não ser omitindo isto, a não ser desistindo de pregar o Evangelho, eu estaria debaixo da necessidade de me separar dela, ou de perder a minha própria alma. De igual maneira, se eu não pudesse continuar unido a alguma sociedade menor, Igreja ou corpo de cristãos, a não ser cometendo pecado, mentindo e sendo hipócrita; a não ser pregando aos outros doutrinas que eu mesmo não acredito, eu estaria sob a absoluta

necessidade de me separar dessa sociedade (RENDERS, 2006, CD-ROM).

Para ressaltar sua verdadeira aversão à cisão e enfatizar sua opinião de que mesmo tais razões não seriam por fim efetivamente justificáveis, Wesley passa então a dizer:

E em todos esses casos, o pecado da separação, com todas as suas conseqüências maléficas, não recairia sobre ela, nem sobre mim, mas sobre aqueles que me constrangeram a efetuar aquela separação, requerendo de mim tais termos de comunhão, com os quais eu não poderia, em consciência, concordar. Mas, colocando de lado este caso, suponha que a Igreja ou a sociedade à qual eu estou agora unido não requeira que eu faça coisa alguma que as Escrituras proibem, ou omita qualquer coisa que as Escrituras ordenam, será, então, meu dever indispensável continuar nela. E, se eu me separar dela, sem qualquer necessidade, eu serei exatamente responsável (quer eu anteveja isto ou não) por todas as conseqüências maléficas daquela separação (RENDERS, 2006, CD-ROM).

A abordagem de Dons e Ministérios trouxe em seu bojo um questionamento acerca da unidade que foi rapidamente vencido, assim que um exame um pouco mais detalhado sobre a motivação do programa foi feito.

Tão logo se percebeu que a aplicação de Dons e Ministérios moveria novos participantes para o centro das decisões em todas as esferas da igreja, seja local, distrital, regional ou nacional, houve terreno fértil para o receio de que a unidade da Igreja ficasse em risco diante da diversidade de opiniões e participações que certamente emergiriam.

Esse receio logo se comprovou ser fruto de imaturidade quanto ao processo de reconhecimento da capacitação que o próprio Deus concedia e reconhecia no serviço ao outro e na expansão da missão como fruto sincero do amor e doação de si mesmo pelo próximo.

Na oração pela unidade, o próprio Senhor deixou claro o valor e a força evangelística que a unidade teria sobre todos que viessem a se aproximar dos verdadeiros cristãos como igreja estabelecida. Seremos conhecidos como cristãos se nos amarmos uns aos outros, e o mundo reconhecerá que Jesus Cristo é o Filho de Deus se vivermos em unidade como Ele e o Pai são um (Jo 17.20-24).

A busca pela unidade tem um preço. Foi o preço mais alto que poderia ser pago. Cristo pagou com seu próprio sangue para que pudéssemos viver em unidade entre nós, e sobretudo com o próprio Deus. Acerca disto, em menção aos Dons e Ministérios, o Colégio Episcopal escreve:

A busca da unidade não é a busca da união das igrejas em uma única forma institucional. Ela é, acima de tudo, a afirmação e reconhecimento da diversidade de dons e ministérios concedidos por Deus ao seu povo. Portanto, pode-se dizer que a prática da unidade cristã é a busca e vivência da unidade na diversidade. Isto porque nenhuma igreja ou denominação pode reivindicar para si a representação plena e exclusiva do Corpo de Cristo. O máximo que elas podem reivindicar é que são parte, membros, do Corpo de Cristo e que, sob a inspiração e orientação do Espírito, estão em plena comunhão com Deus (COLÉGIO EPISCOPAL DA IGREJA METODISTA, p. 25).

Creemos que é absolutamente fundamental que nenhuma iniciativa, seja de discipulado em grupos pequenos ou ainda de qualquer outra estratégia ou abordagem, releve o valor e a importância da unidade cristã. Qualquer boa intenção e propósito, por mais justificável que possa ser não passará de engano e malefício para o corpo de Cristo caso suscite separação ou cisão entre aqueles pelos quais o Rei dos Reis deu a sua própria vida.

Percebe-se que o perigo de divisão pela admissão de grupos pequenos existe e tem precedentes. Muitas comunidades de fé certamente já passaram pela experiência de ver estas iniciativas colaborarem na fragmentação do grupo de fiéis.

Uma das situações mais conhecidas e até documentadas acontece quando com o tempo o líder estabelece uma relação de confiança que gera grande identificação mútua. Como nesses grupos muitas vezes o serviço litúrgico reproduz o que acontece num culto padrão, o líder é visto como pastor. Tal noção se reforça ainda mais pelo fato de que o líder é instruído a “pastorear” seu grupo, sua célula. Com o passar do tempo, é comum a noção de que não faz mais sentido que ele tenha alguém a quem deva prestar contas e encaminhar seus liderados, que em última análise podem ser considerados suas próprias ovelhas. Depois de terem seu carisma confirmado esses líderes se sentem fortalecidos para romperem com as estruturas que até então os conformam e limitam.

Muitas vezes estas lideranças de grandes células ou grupos percebem que podem seguir por um novo caminho, tipicamente diferente do que foi traçado originalmente pelo líder original da comunidade ou instituição, e este por sua vez, interpreta esta atitude como insubordinação. A partir daí está preparado o terreno para divisões e contendas.

3 A utilização de estratégias diversas

A abordagem de grupos de discipulado em células tem demonstrado ser uma estratégia intensa que, pela sua dinâmica, em muitos casos, assume a responsabilidade por todas as iniciativas de evangelismo e até mesmo de formação na igreja local.

Um dos questionamentos presentes nos grupos de estudo sobre o tema tem sido a possibilidade de outras estratégias coexistirem com as metodologias mais específicas e próximas dos grupos em forma de células de crescimento.

Defensores ardorosos do tema preferem argumentar que não é a estratégia em células que reclama para si toda a responsabilidade do evangelismo, e sim que em virtude do sucesso das iniciativas dos grupos de crescimento em células, outras estratégias são absorvidas.

Seja qual for o caso, cremos que um dos desafios será sempre manter caminhos e possibilidades para a atuação diferenciada, em uma abordagem aberta ao agir e o impulsionar do próprio Espírito Santo. Restringir as possibilidades de atuação e as estratégias a seguir poderia facilmente ser interpretado como uma iniciativa de tomar controle das ações do próprio Deus, julgando ter o conhecimento irrestrito dos propósitos e caminhos que Deus tem traçado para o seu povo.

Não nos parece sequer razoável aceitar a argumentação de que práticas e processos devem ser repetidos e imitados com base unicamente na avaliação de que são bem sucedidos em termos numéricos, mesmo porque certamente não seria prudente avaliar o crescimento espiritual de uma comunidade de fé unicamente através da participação no processo, sem julgar ativamente o frutificar individual e da comunidade como igreja local.

Certamente não é de pouco valor a conclusão de que a representatividade numérica dos que aceitam o viver cristão através das iniciativas de discipulado através de grupos pequenos em células tem superado em muito outras iniciativas históricas.

Em nossa opinião, um dos maiores riscos é excluir a capacidade de criticar baseando-se indiscriminadamente na argumentação subjetiva de que uma iniciativa tem sido bem sucedida.

Conclusão

Na introdução do presente trabalho monográfico, nos propusemos a pesquisar com a profundidade possível as questões relacionadas aos grupos pequenos de sociedades, classes e *bands* que caracterizaram e diferenciaram o movimento metodista iniciado por John Wesley no século XVIII, a partir da Inglaterra e contextualizá-lo para a Igreja dos dias atuais, na busca de lições e motivações que auxiliem no crescimento e, muito mais, no fortalecimento do Corpo de Cristo em nosso país.

Agora que estamos escrevendo as linhas finais deste documento, podemos afirmar que é espantoso e digno de grande admiração o valor do trabalho desenvolvido pelo fundador do metodismo na Inglaterra no início do século XVIII. Considerando as condições adversas de toda natureza, tanto da perspectiva econômica, quanto política e, especialmente, teológico-pastoral, somente é possível a colheita de tão duradouros frutos se o projeto for de inspiração e direção divinas. Homem algum ou mesmo um grupo de pessoas, por suas próprias forças, conhecimento e poder, jamais alcançariam a dimensão e impacto que o movimento liderado por John Wesley obteve.

Em meio aos desafios que o momento impõe aos cristãos metodistas em terras brasileiras, não julgamos adequada a tentativa da simples repetição da experiência de grupos pequenos adotada por John Wesley em seu tempo e contexto, mas temos plena

convicção de que a atualização da mensagem original metodista participativa, de corresponsabilidade na prática do discipulado cristão e na busca da santidade de coração e vida, certamente fortalecerá a fé e o serviço do povo chamado metodista neste país.

Devemos gravar algumas características legadas de John Wesley, Charles Wesley, John Fletcher, John Clayton e tantos outros cristãos que, a despeito de imensas dificuldades, atravessaram seu tempo, deixando a cada um de nós uma história riquíssima, fruto de entrega pessoal, abnegação, inspiração do alto, simplicidade de coração, amor às coisas de Deus, serviço ao próximo, com uma fé inabalável na graça divina, estudo e prática dos evangelhos, apenas para ficarmos nessas qualidades que admiramos.

A comunidade primitiva de Atos é a fonte que inspira a igreja de nossos dias a seguir, em unidade, aplicando os dons recebidos para um fim proveitoso nos ministérios necessários em cada assembleia de justos, com a esperança de que o Senhor em sua volta encontre a sua igreja em serviço de relacionamento fraterno, em apoio mútuo, de forma alegre, sem acepção de pessoas, que saia em busca do perdido e do desfavorecido, com liberdade de participação, ação e culto cristão. Se assim acontecer, estaremos retomando e cumprindo a vontade de Deus para uma igreja de Dons e Ministérios, conforme programa inspirado e adotado pelos bispos da Igreja Metodista no Brasil e ser reconhecida de fato como uma comunidade missionária a serviço do povo.

Uma igreja assim, com tal herança e experiência na prática de uma vida religiosa em pequenos grupos de cuidado e apoio mútuo apreendidos com os primeiros metodistas, com ministérios eficientes desempenhados por crentes amorosos dotados de dons divinamente e inspirados, somados à boa organização e estrutura eclesiástica, não teria necessidade alguma de copiar outros modelos questionáveis de resultados imediatistas, sem nenhuma aproximação com sua origem, seduzidos apenas pela sereia do crescimento numérico.

“O melhor de tudo é que Deus está conosco” John Wesley (02 de março de 1791).

Deus seja louvado!

Referências Bibliográficas

- AULETE, Caldas. *Dicionário contemporâneo da Língua Portuguesa*. 3. ed. Rio de Janeiro: Delta, 1980. 5 v.
- BÁEZ CAMARGO, GONZALO. *Gênio e Espírito do Metodismo Wesleyano*. São Paulo: Imprensa Metodista, 1986.
- BARBOSA, José Carlos. *Adoro a sabedoria de Deus*. Piracicaba: Unimep, 2002.
- BARBOSA, José Carlos. *Salvar e educar*. Piracicaba: Cepeme, 2005.
- BÍBLIA. Português. *Bíblia Sagrada*. Tradução de João Ferreira de Almeida. 2. Ed. São Paulo: Sociedade Bíblica do Brasil, 1993. Edição revista e atualizada no Brasil.
- COLÉGIO EPISCOPAL DA IGREJA METODISTA. *Para que todos sejam um: a perspectiva metodista para a unidade cristã*, São Paulo, 2009. Disponível em <http://www.metodista.org.br/conteudo.xhtml?c=9099>. Acesso em 17 dez 2010.
- COORDENADORES DOS MINISTÉRIOS 5ª RE. *Manual Missionário do Povo Metodista*, Editora Agentes da Missão. Local e ano da publicação não divulgados.
- HEITZENRATER, Richard P. *Wesley e o povo chamado metodista*. São Bernardo do Campo: Editeo, 1996.
- IGREJA METODISTA, Sede Nacional: *Carta Pastoral do Colégio Episcopal sobre o G-12*. 2004. Disponível em http://www.metodista.org.br/arquivo/documentos/download/carta_G12.pdf. Acesso em 17 dez 2010.

IGREJA METODISTA. 5ª. Região Eclesiástica. *Coleção Dons e Ministérios*, 6, Piracicaba: Agentes da Missão, 1991.

LOCKMANN, Paulo. Carta Aberta – *Edificando uma igreja de discípulos e discípulas. Icaraí*. No documento publicado na Internet não há registro do ano de sua edição.

MATTOS, Paulo Ayres, *Revista Caminhando*, Ano 5, no. 12, 2002. Disponível em
RENDERS, Helmut et al. (Ed.). Sermões de John Wesley. São Bernardo do Campo: Editeo, 2006. 1 CD-ROM

RAMOS, Luiz Carlos. *Modelo de Trabalho Acadêmico: Versão 2009*. São Bernardo do Campo, 47p. Trabalho não publicado.

RENDERS, Helmut et al. (Ed.). Sermões de John Wesley. São Bernardo do Campo: Editeo, 2006. 1 CD-ROM.

RENDERS, Helmut, *A evolução de pequenos grupos na história da igreja metodista, Revista Caminhando*, Ano 7, no. 10, 2002. Disponível em RENDERS, Helmut et al. (Ed.). Sermões de John Wesley. São Bernardo do Campo: Editeo, 2006. 1 CD-ROM

RUNYON, Theodore. *A Nova Criação: A Teologia de John Wesley hoje*. São Bernardo do Campo: Editeo, 2002.

SOUZA, José Carlos de (org.). *Caminhos do Metodismo no Brasil: 75 anos de autonomia*. São Bernardo do Campo: Editeo, 2005. (edição especial pelos 75 anos de autonomia da Igreja Metodista no Brasil).

SOUZA, José Carlos de. *Leiga, Ministerial e Ecumênica: A Igreja no Pensamento de John Wesley*. São Bernardo do Campo: Editeo, 2009.